

REFORMAS URGENTES

Ajuste fiscal é primordial para recuperar economia e confiança de investidores

FUNÇÃO SOCIAL

O exemplo de empresas paranaenses que transformaram comunidades próximas

GOVERNANÇA

Companhias tradicionais profissionalizam gestão e colhem lucros

OS SEGREDOS DO CRÉDITO

Planejamento e informação são as chaves para o financiamento adequado ao momento econômico



Prof. José Pio Martins: "Sem retomar o PIB, nenhum outro problema do País será sanado".

AUMENTE SEU NETWORK E DÊ UM UPGRADE NA SUA CARREIRA.

Com ensino baseado em cases reais da indústria, ambiente executivo com ótimas oportunidades de network e aulas com mestres e doutores de diferentes áreas de atuação, a Escola de Gestão da Faculdade da Indústria IEL oferece cursos de pós-graduação que formam profissionais preparados para aumentar a competitividade das indústrias.



Parcerias internacionais
e network com
profissionais da indústria



Corpo docente com
vivência de mercado



Localização de
fácil acesso



Estacionamento
gratuito

INSCRIÇÕES ABERTAS:
faculdadesdaindustria.com.br

Conheça também os cursos de especialização e MBA da Faculdade da Indústria Senai.

Nesta Edição

■ Leitura Rápida	04	■ Economia	23
■ Palavra do Presidente	05	<i>A importância do ajuste fiscal</i>	
■ Viés	06	■ Responsabilidade Social	28
■ Falou e Disse	06	<i>Indústrias do Paraná promovem transformação social</i>	
■ Agenda	07		
■ Saber é Cultura	07		
■ Opinião	08		
<i>José Pio Martins: Prioridade é recuperar o PIB</i>			
■ Entrevista	09		
<i>Kanayama: "É possível administrar sem se endividar"</i>		■ Desenvolvimento Industrial	32
		<i>Como a contribuição sindical incentiva a competitividade</i>	
■ Tendências	12	■ Formação	34
<i>Sondagem mostra que otimismo segue baixo na indústria</i>		<i>Paraná ganha 12 medalhas na Olimpíada do Conhecimento</i>	
■ Formação	13	■ Administração	39
<i>Aumentam a oferta e o interesse na Educação a Distância</i>		<i>Governança moderniza empresas familiares e cooperativas</i>	
■ Capa	16	■ Carreira	44
<i>O segredo do financiamento produtivo sustentável</i>		<i>O diferencial da criatividade</i>	
		■ Vestuário	46
		<i>ID Fashion reúne marcas e impulsiona moda paranaense</i>	
		■ Da Terra dos Pinheirais	48
		■ Gente da Indústria	49
		■ Giro pelos Sindicatos	50





Calcário projeta expansão

O consumo no Brasil de calcário agrícola, insumo usado para correção do solo, pode dobrar de 30 milhões para 60 milhões de toneladas por ano, o que implicaria em maior produtividade nas lavouras. A informação foi dada pelo presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Calcário (Abracal), Oscar Alberto Raabe, na abertura do Encontro Nacional dos Produtores de Calcário (Enacal), realizado em outubro, em Curitiba. O evento reuniu 250 participantes e teve a presença do secretário de Estado da Agricultura, Norberto Ortigara, do presidente da Fiep, Edson Campagnolo, e do presidente do Sindicato das Indústrias de Extração de Mármore, Calcário e Pedreiras do Paraná (Sindemcap), Jan Petter.

Iniciativas reconhecidas

Três projetos do Paraná foram reconhecidos em 2016 com o prêmio Melhores

Práticas Sindicais, concedido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp): o 7º Congresso Nacional Moveleiro, o ID Fashion 2015 e o Encontro Internacional de Negócios do Setor Metalmeccânico. As iniciativas, todas promovidas em parceria entre a Fiep e sindicatos empresariais ligados aos respectivos setores, têm o objetivo de promover os produtos paranaenses desses segmentos e ampliar o intercâmbio de informações entre os empresários.



Prêmios para o setor gráfico

O Paraná foi destaque no Prêmio de Excelência Gráfica Fernando Pini, o principal do setor no País. Quatorze troféus vieram para o Estado, recebidos

por oito gráficas: Ótima (4), Posigraf (2), Malires (2), Flink Print (2), Catuaí Print (1), Belton (1), Corgraf (1) e Hellograf (1). “São reconhecidos os trabalhos que se destacam pela inovação, comunicação e solução para os clientes”, explica Levi Ceregato, presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf).

Porto recebe melhorias

Cerca de R\$ 600 milhões foram aplicados recentemente para melhorar a infraestrutura e logística no Porto do Paraná. Outros investimentos, no valor de cerca de R\$ 323 milhões, estão sendo licitados para 2017 e 2018. As principais mudanças foram a ampliação do canal de Paranaguá, após dragagem, e as melhorias viárias de acesso ao Porto, ainda em andamento. Também foram adquiridos quatro shiploaders, que aumentaram a capacidade de carregamento de grãos no Corredor de Exportação em 33%.

EXPEDIENTE

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE

Edson Campagnolo

SUPERINTENDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARANÁ (FIEP)

Reinaldo Tockus

SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)

José Antonio Fares

Lisegriff Gráfica e Editora LTDA

TIRAGEM: 10 mil exemplares

COMENTÁRIOS, CRÍTICAS E SUGESTÕES, ESCREVA PARA:

aindustriaemrevista@fiepr.org.br

A **INDÚSTRIA EM REVISTA** é uma publicação oficial do Sistema Fiep

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Elvira Fantin (2152/DRT-PR)

REPORTAGEM E REDAÇÃO

Bel Victorio, Denise Morini, Elvira Fantin, Juliano Pedrozo, Poliane Brito, Rafaela Sabatowitch, Rodrigo Lopes, Tina Demarche, Vanessa Dasko, William Saab

EDIÇÃO

Célula Estratégia e Comunicação - contato@agenciacelula.com.br

PROJETO GRÁFICO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Pedro Dudas / Célula Estratégia e Comunicação

BANCO DE IMAGENS

Getty Images

GERÊNCIA CORPORATIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Thaís Cristiane Silva

GERÊNCIA EXECUTIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Adriana Brandão



Edson Campagnolo
PRESIDENTE DO SISTEMA FIEP

PALAVRA DO PRESIDENTE

industrial paranaense começa 2017 ainda preocupado e apreensivo. Mesmo com previsões de leve melhora nos indicadores econômicos para este ano, a persistente recessão que assola o país há meses e as turbulências políticas que parecem não ter fim colocam boa parte dos empreendedores em compasso de espera. Segundo a Sondagem Industrial, levantamento que a Fiep realiza anualmente para medir as perspectivas dos empresários do setor para o ano seguinte, 55% dos industriais do Estado têm expectativas favoráveis para 2017. Foi o segundo mais baixo índice de otimismo em 21 anos de pesquisa.

No fim de 2016, o governo federal anunciou um pacote de medidas que serve para dar fôlego a empresas que estão em dificuldade e aumentar a confiança de investidores e consumidores. Ao mesmo tempo, foram aprovadas ou colocadas em discussão medidas essenciais para garantir o desenvolvimento do país em longo prazo. A chamada PEC do Teto dos Gastos e a proposta de reforma da Previdência são ações essenciais para o reequilíbrio das contas públicas, o que gerará maior estabilidade e confiança na economia do país. A importância desse ajuste fiscal é um dos temas que apresentamos nesta edição da Indústria em Revista.

Algumas dessas medidas podem trazer um alívio, mas não têm efeito imediato. Por isso, as empresas precisam continuar fazendo sua lição de casa para manter, ampliar ou aprimorar seus negócios. Na matéria de capa, mostramos como o financiamento produtivo sustentável pode impulsionar os resultados da indústria. Apresentamos ainda nesta edição o avanço no país da Educação a Distância (EaD), modalidade de ensino cada vez mais utilizada pelas empresas para capacitar e atualizar seus colaboradores. E revelamos como indústrias paranaenses têm profissionalizado sua gestão investindo em práticas de governança corporativa.

Com ações como essas, gerando empregos, renda e oportunidades para as pessoas, o setor industrial segue dando uma importante contribuição para o desenvolvimento do Paraná e do Brasil. E, em muitos casos, como também mostramos nesta Indústria em Revista, funciona como verdadeiro elemento de transformação social em algumas comunidades. Que esses exemplos nos sirvam de inspiração para enfrentarmos 2017 com mais otimismo e confiança.

Boa Leitura!



SOBE

Novo aeroporto

O projeto para construção de um aeroporto de cargas com pista de quatro mil metros de comprimento entre Curitiba e Ponta Grossa (quase o dobro do Afonso Pena), próximo à BR-277, já está na Aeronáutica, onde aguarda licença.

Capital verde

Curitiba é a 5ª. capital brasileira em número de estabelecimentos formais vinculados à Economia Verde (8,2 mil), conforme o Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT).

Menos grave

Em meio à crise, o Paraná tem conseguido manter em dia o pagamento do funcionalismo e fornecedores. "Fizemos o dever de casa", frisa o secretário da Fazenda Mauro Ricardo Costa.

DESCE

Ensino

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) avaliou 540 mil estudantes, de 15 e 16 anos, em 72 países. Os brasileiros foram mal: ficaram em 63º lugar na prova de ciências, 59º em leitura e 65º em matemática.

Emprego nas MPEs

Após dois meses de saldo positivo de postos de trabalho, as micro e pequenas empresas encerraram 15,4 mil vagas em outubro, segundo dados do Caged.

Produção industrial

A produção industrial brasileira caiu 1,1% em outubro, na comparação com setembro. Em relação a outubro de 2015, a queda chegou a 7,3%, a 32ª. taxa negativa seguida nessa comparação.



Falou e Disse | As frases marcantes do setor



Divulgação



O LIVRE MERCADO É A MELHOR MANEIRA DE DISTRIBUIR RIQUEZA, E O INCHAÇO DO ESTADO, A PIOR MANEIRA DE CONCENTRAR RIQUEZA. O MITO DO ESTADO ROBIN HOOD A DILMA ACABOU DE DESMORALIZAR.

Flavio Rocha

Presidente das Lojas Riachuelo

” Crescimento é um empreendimento complexo, um conjunto amplo de circunstâncias que englobam a confiança, o investimento, o consumo.

Henrique Meirelles

Ministro da Fazenda

” O Brasil está preparado para lidar com qualquer volatilidade dos mercados resultante das eleições presidenciais nos Estados Unidos.

Maílson da Nóbrega

Ex-ministro da Fazenda

” Mais do que nunca é preciso insistir na necessidade de empresas e governos atuarem com ética e transparência.

José Maria Paula Soares

Presidente do Sinduscon-PR



Agenda | Eventos do setor



Matrículas abertas para cursos técnicos

Estão abertas até 6 de fevereiro as matrículas para os cursos técnicos do primeiro semestre do Senai. São 27 cursos oferecidos em 37 unidades do Paraná. O site do Senai disponibiliza a lista completa dos cursos e a localização das unidades.

Data: até 6/2/2017

Local: 37 unidades do Senai Paraná

Informações: www.senaipr.com.br/cursos-tecnicos



Prevenção contra a gripe

Indústrias paranaenses têm de fevereiro a março para aderir à Campanha de Vacinação contra a gripe 2017 do Sesi.

Data: fevereiro a março/2017

Local: todo o Estado

Informações: www.sesipr.org.br

Confira outros eventos do setor: www.goo.gl/xzoM71



Saber é Cultura | Arte paranaense



Sesi: Cultura valorizada

Presente em todo o Estado, o Sesi Cultura promoveu em 2016 o acesso ao bem cultural, difundindo a arte em todas as suas manifestações.

Foram mais de mil ações culturais realizadas em todo o Paraná durante 2016, com um público de mais de 100 mil pessoas. O Sesi encerrou mais um ano oferecendo acesso à cultura, com foco no público trabalhador da indústria, além de também atingir toda a comunidade.

Passaram pelo projeto Sesi Música, no Campus da Indústria, artistas como Sérgio Reis, Fernanda Takai e Leci Brandão.

Pelos palcos dos oito equipamentos culturais do Sesi, a programação mensal contemplou atrações de música, teatro, circo, cinema e artes visuais. O Circuito Cultural Sesi chegou a mais de 24 cidades com espetáculos de música e teatro.

Em 2017, o Sesi Cultura ampliará o acesso do trabalhador da indústria em seus espaços. "Abriremos mais dois teatros, em Guarapuava e Santo Antônio da Platina. Também vamos ampliar parcerias para realizar ações de acesso à leitura nas 42 Indústrias do Conhecimento, estimulando a prática da leitura. Focaremos ainda nas ações formativas com oficinas de artes. Além de interiorizar os shows do Sesi Música, que levam ao grande público os artistas paranaenses junto com artistas de renome nacional", conta a gerente de cultura do Sesi, Anna Zétola.

O CRESCIMENTO NECESSÁRIO

JOSÉ PIO MARTINS

A recessão econômica e o desemprego atingiram níveis tão perigosos que a prioridade nacional é retomar com urgência o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Sem isso, nenhum outro problema econômico ou social será resolvido. Vale realçar que, sem crescimento do PIB capaz de elevar as receitas tributárias de todo o setor público, o rombo gigantesco das contas governamentais não será amenizado e tal situação, considerando o tamanho do setor estatal, prejudica gravemente todo o sistema econômico.

O Instituto Brasileiro de Economia, órgão pertencente à Fundação Getúlio Vargas (FGV), diz que o produto por habitante no Brasil acumulará perda de 9,1% nos últimos três anos, o que seria o pior resultado em sete décadas. Sem a saída da recessão e a recuperação do PIB, o nível de investimento nos municípios, nos Estados e na União continuará baixo, o que, além de prejudicar a necessidade de recuperar a infraestrutura, ajudará a demanda agregada a permanecer em nível baixo.

No tocante ao consumo das pessoas, o alto endividamento das famílias, a elevada taxa de juros no crédito ao consumidor e o elevado desemprego são variáveis que contribuem para manter o consumo agregado em patamar reduzido. A recuperação da economia tem dependido de elevação do consumo, já que nenhuma empresa produz se não tiver perspectiva de elevação das vendas. Restariam as vendas para o exterior, que podem melhorar nos próximos meses, mas sem volume suficiente para fazer o Brasil sair da recessão e iniciar recuperação robusta do PIB.



José Pio Martins é economista e Reitor da Universidade Positivo.



A CRISE É ECONÔMICA, POLÍTICA E JURÍDICO-MORAL.

A situação do País é grave em função das travas ao crescimento – especialmente pelo baixo volume de investimentos do governo, investimentos das empresas e consumo das pessoas. A remoção dessas travas não tem sido fácil, pois o governo atingiu elevada dívida, as pessoas deixaram de comprar em razão do desemprego e do alto endividamento, e o investimento estrangeiro anda desconfiado do Brasil em razão da própria recessão e da confusão política, agravada com a possibilidade de parte dos políticos ir parar nas garras da Justiça. Ou seja, a crise é econômica, política e jurídico-moral. Por tudo isso, o governo reduziu a previsão de crescimento do PIB em 2017, passando agora para 1%. Esse é o quadro. ■

“PREFEITOS PODEM CUMPRIR A LEI SEM DEIXAR DE INVESTIR”

Para advogado especialista em Direito do Estado, iniciativa privada pode se aliar aos municípios em parcerias para potencializar os recursos



Rodrigo Kanayama, doutor em Direito do Estado, professor adjunto de Direito Financeiro e de Direito Administrativo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), falou em entrevista à **Indústria em Revista** sobre as limitações que a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) impõem aos gestores municipais que estão iniciando seus mandatos. Para o advogado, mesmo com tais restrições, é possível fazer uma gestão de resultados e promover avanços no atendimento às necessidades da população, planejando as ações e elegendo cuidadosamente as prioridades. As parcerias

com a iniciativa privada, diz Kanayama, também devem ser buscadas para ampliar a capacidade de investimento e gerar emprego e desenvolvimento nos municípios, enquanto, ao eleitor, cabe fiscalizar o uso adequado do dinheiro público.

É um impasse para o gestor municipal atender aos anseios da população, fazer os investimentos necessários e, ao mesmo tempo, obedecer à Lei de Responsabilidade Fiscal?

É difícil conciliar o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal com as necessidades quase ilimitadas da população. Antes da LRF era muito mais fácil. Era permitido gastar, endividar-se e recorrer à União para solucionar ou amenizar a situação de endividamento. A partir de 2001 os municípios iniciaram uma gestão mais responsável e aí surgiram alguns impasses como conseguir manter o funcionamento do serviço público sem violar a lei, que impõe diversas sanções e prevê que o prefeito responda pessoalmente, inclusive com punição eleitoral. A LRF e a Lei da Ficha Limpa obrigaram a gestão pública a se profissionalizar cada vez mais.

Entrevista

Como é possível conciliar uma administração de resultados com o controle efetivo dos gastos?

Saúde e Educação são os dois principais direitos previstos na Constituição e têm que ser cumpridos. Os municípios devem lidar com as limitações orçamentárias, mas não podem deixar de atender às áreas essenciais, que também demandam recursos da União e dos Estados. O município, de todo modo, tem que garantir educação infantil, com creches, educação fundamental, pagar professores, comprar material... mas o jardim da escola, por exemplo, pode esperar. Então, dentro dessas áreas prioritárias é preciso eleger as intervenções essenciais.

Os municípios têm agido assim? Há exemplos de boas práticas?

Existem exemplos bons e ruins. Em Curitiba, o investimento em Educação no último ano foi de aproximadamente 30% dos impostos e transferências, superior ao mínimo exigido pela Constituição, que é de 25%. Mas a realidade da capital é diferente porque ela arrecada muito mais. Nos municípios menores, além da atividade econômica ser mais restrita, muitas vezes não há uma estrutura administrativa capaz de garantir a cobrança e arrecadação dos tributos, o que acaba gerando uma dependência externa. É importante lembrar que a LRF exige que os municípios não apenas instituem os tributos, mas criem estrutura adequada para arrecadá-los. A deficiência nesse processo é um problema de gestão e pode e deve ser solucionado.

Há alguns anos era comum os prefeitos encerrarem seus mandatos deixando dívidas para o sucessor, o que não é mais permitido. A norma tem sido cumprida?

A lei coibiu esta prática. Não se pode deixar restos a pagar nem contrair dívidas nos últimos oito meses do mandato.



AS INDÚSTRIAS DEVEM SE APROXIMAR DAS PREFEITURAS E PROPOR PARCERIAS, APRESENTAR PROJETOS.

Mesmo assim, há descumprimento da lei. Neste caso, os gestores recebem parecer desfavorável em relação às contas e são punidos. O Tribunal de Contas e o Ministério Público de Contas, órgãos que têm que atuar neste caso por disporem de conhecimento técnico, têm sido diligentes nesta tarefa.

A Emenda Constitucional 95/2016, que limita os gastos públicos, também vai impactar os municípios?

Impacta pouco. Os efeitos diretos são mais para a União. Mas os recursos para Saúde e Educação serão resguardados, permanecem as transferências e o efeito direto será pequeno para Educação e Saúde nos municípios. De um modo geral, vejo esta medida com bons olhos porque serve para controlar os gastos e promover austeridade na gestão dos recursos públicos. A única ressalva que tenho é em relação ao prazo de 20 anos, que avalio como muito longo. O ideal seria uma revisão a cada três ou cinco anos e isto não está previsto.

Quais são os erros mais comuns dos gestores quanto às contas públicas?

O principal erro é não elaborar de forma séria o orçamento. É preciso fazer uma previsão da arrecadação, das transferências que virão de entes federativos e das despesas. Há regras claras na previsão de receitas e os gastos devem ser pautados na realidade, no que está dentro do orçamento. Não se pode ser excessivamente otimista. Prefeito bom é prefeito realista. É possível fazer uma boa administração e atender à população sem se endividar. A dívida pública não é ruim necessariamente, desde que seja planejada e para um fim que se justifique. Há, por exemplo, empréstimos internacionais que podem ser pagos em 20 anos e muitas vezes é uma alternativa interessante para garantir investimentos.

As parcerias público-privadas podem ser uma alternativa para buscar recursos que garantam os investimentos necessários?

É uma saída, existem vários instrumentos nas mãos dos prefeitos. Mas esta ainda não é uma prática muito comum no Brasil. E as razões são a falta de conhecimento da lei por parte do prefeito, o receio de recorrer a este instrumento e, muitas

vezes, a falta de interesse do setor privado. Uma limitação é que o contrato de PPP pode ser considerado dívida consolidada do município. Isso reduz a possibilidade de utilização porque há um limite de endividamento. A meu ver isso é um equívoco da legislação. Mas, de qualquer forma, a PPP é um instrumento interessante e os prefeitos deveriam buscar orientação para a sua devida utilização. Observo que em geral os prefeitos são bem intencionados, mas precisam de apoio para o alcance dos objetivos. Por isso é muito importante esta aproximação. As indústrias devem se aproximar das prefeituras e propor parcerias, apresentar projetos.



PROPAGANDA É IMPORTANTE PARA MOSTRAR O QUE SE FEZ, PARA PRESTAR CONTAS. NÃO É ERRADO FAZER PROPAGANDA, DESDE QUE NÃO SE EXAGERE.

Muitas vezes as prefeituras lançam mão de benefícios tributários para atrair investimentos, como a instalação de indústrias. Isso é uma boa prática?

O incentivo tributário impacta no orçamento. É um subsídio entregue pelo município. É possível ser concedido, mas com algumas limitações impostas por lei. Mas vejo com bons olhos. Se a

isenção significar a atração de empresas que gerem empregos e movimentem a economia, é válida. Mas o incentivo não precisa necessariamente ser a isenção de impostos, pode ser um benefício urbanístico, uma benfeitoria, investimentos em infraestrutura que possam garantir as condições adequadas para a instalação de uma indústria, por exemplo. A concessão de imóveis também é possível desde que haja autorização legislativa para isso.

PACTO FEDERATIVO PARA CORRIGIR DISTORÇÃO

A Constituição de 1988 atraiu para a União quase 70% da arrecadação, deixando os municípios desassistidos e, ao mesmo tempo, devolvendo aos prefeitos todas as responsabilidades. A correção desse desequilíbrio é uma necessidade premente, na opinião do presidente da Fiep e do Conselho de Administração do Sebrae Paraná, Edson Campagnolo. “Precisamos urgentemente pensar num pacto federativo. Não é possível os municípios e governos estaduais continuarem pagando a conta e passando o pires em Brasília”, afirmou Campagnolo, na abertura do Encontro de Prefeitos e Prefeitos Eleitos do Paraná para a gestão 2017/2020, evento realizado entre novembro e dezembro pelo governo do Estado em parceria com o Sebrae, em Foz do Iguaçu.

Campagnolo reiterou que as instituições empresariais são parceiras dos municípios, apoiando os novos prefeitos na promoção de uma gestão profícua, que estimule o empreendedorismo e proteja o microempreendedor individual e as micro e pequenas empresas. Ele pediu também aos prefeitos apoio à Rede Simples, movimento liderado pelo governo do Estado em parceria com o Sebrae, Junta Comercial, Receita Estadual e Receita Federal. “É preciso que a tecnologia da informação dê segurança neste momento em que os gestores públicos estão muitas vezes sendo penalizados pela falta de conhecimento”, disse.

Como o eleitor pode acompanhar e fiscalizar as administrações municipais e cobrar a correta utilização do dinheiro público?

A Lei de Responsabilidade Fiscal traz normas de transparência para os entes públicos. Os prefeitos devem demonstrar tudo na internet no Portal da Transparência. Mas não basta apenas publicar as informações. É preciso publicá-las de forma clara para que toda a população entenda. Outra forma de fiscalizar é acompanhando o trabalho de Organizações Não-Governamentais dedicadas a esta iniciativa. Alguns exemplos são a Contas Abertas, o Observatório Social e o Instituto Atuação. A propaganda também é importante, é uma forma de prestação de contas e de dar transparência, desde que não se exagere. ■

OTIMISMO EM BAIXA

Sondagem anual da Fiep aponta que pouco mais da metade dos empresários paranaenses vê 2017 de maneira favorável

A 21ª Sondagem Industrial, realizada pela Fiep em parceria com o Sebrae e divulgada em dezembro, mostrou que a maior parte do empresariado paranaense vê 2017 de maneira favorável. O total de otimistas (55,1%), porém, é o segundo menor da série histórica, iniciada em 1996, à frente apenas da perspectiva apresentada para o ano de 2016, quando o indicador registrou discretos 32,9% de otimismo. A baixa expectativa em relação a 2017 também se reflete entre as micro e pequenas empresas - apenas 55,3% se mostraram otimistas com relação ao próximo ano.

O presidente da Fiep, Edson Campagnolo, afirma que os dados refletem a incerteza dos industriais paranaenses diante

da persistente recessão econômica e da instabilidade política do País. Ele classifica como positivo, porém, o crescimento no percentual de industriais otimistas para o próximo ano. “Apesar de termos um quadro bem pessimista em 2016, e olhando as projeções pouco animadoras de vários economistas, felizmente tivemos um aumento significativo no nível de expectativas positivas em relação à pesquisa anterior”, afirma. “Mas só teremos a plena recuperação desse indicador quando houver a efetiva retomada do crescimento”, acrescenta.

A baixa expectativa encontra explicação nos vilões habituais. Para 83,1% dos entrevistados, a carga tributária elevada é o principal entrave para a concorrência no mercado interno. Na sequência, 69,9% dos industriais identificaram os encargos sociais elevados. Entre as MPes, a alta carga tributária também foi apontada por 85% como o principal obstáculo. Na segunda posição, os encargos sociais elevados, problema destacado por 71,8% dos entrevistados pela sondagem.

Mas há também boas notícias. O estudo identificou que apenas 8,1% das indústrias paranaenses não registraram aumentos de produtividade em 2016. Para os que tiveram aumento no quesito, 30,9% entendem que se trata de resultado de um melhor gerenciamento de pessoal, enquanto 24,2% apontam para a modernização tecnológica. Apenas 3,2% identificaram a terceirização como um fator importante para o crescimento da produtividade nos negócios.

ALGUNS DADOS DA 21ª SONDAÇÃO INDUSTRIAL

ESTRATÉGIAS DE MAIOR IMPORTÂNCIA

Desenvolvimento de novos negócios	58,9%
Satisfação dos clientes	58,1%
Pesquisa, desenvolvimento e inovação de produtos	33,6%

INVESTIMENTOS

Melhoria de processo	43,3%
Desenvolvimento de produtos	38,2%
Produtividade	30,2%

FONTES DE RECURSOS

Recursos próprios	71,8%
Linhas de crédito governamental	24,2%
Linhas de crédito privado nacional	19,3%

MOTIVOS DO AUMENTO DE PRODUTIVIDADE

Melhor gerenciamento de pessoal	30,9%
Modernização tecnológica	24,2%
Melhor tratamento de administração das informações	19,3%

Confira aqui a íntegra da XXI Sondagem Industrial da Fiep: www.goo.gl/eAf9SY



CURSOS CRESCEM, DISTÂNCIAS DIMINUEM

Flexível e mais conceituada, Educação a Distância vem conquistando indústrias e estudantes em todo o Brasil



Douglas, aluno do Sesi Paraná, assiste às aulas em São Bento do Sul (SC): capacitações a distância ajudam a aproximar estudantes do mercado.

A Educação a Distância (EaD) é a modalidade de ensino que mais cresce no Brasil, segundo o Ministério da Educação. Para a indústria, em muitos casos, a EaD tem sido uma solução mais econômica, personalizada e produtiva que o ensino presencial. Mas houve um longo caminho até este atual estágio. Até bem pouco tempo atrás, os cursos a distância eram pouco aceitos e os alunos que se diplomavam desta forma eram muitas vezes estigmatizados.

Mudanças rápidas na economia e nas tecnologias de informação no Brasil impulsionaram esse modelo de aprendizado. A Educação a Distância no Brasil existe há muito tempo – no início, os cursos eram feitos por correspondência. A partir da década de 1940, um de seus mais populares ofertantes foi o Instituto Universal Brasileiro (IUB), que anunciava suas capacitações em revistas e gibis. Na década de 1970, a proposta se modernizou com os telecursos, que eram aulas oferecidas em fitas de vídeo e programas de TV.

Formação

Demanda permitiu avanço

O coordenador de Educação a Distância do Sistema Fiep, Raphael Hardy Fioravanti, lembra que com o aquecimento da economia brasileira e o aumento de oferta de empregos, nos anos 2000, houve a necessidade de formação rápida e acessível, não só nos grandes centros como em cidades menores. Com essa demanda, o MEC percebeu a necessidade de ampliar as possibilidades de acesso ao ensino e permitiu que as universidades oferecessem cursos a distância, disponibilizando conhecimento a pessoas que não moravam em cidades-polo.

“Para atender à demanda reprimida desse período, seriam necessárias pelo menos três ou quatro vezes o número de salas que havia nas faculdades”, destaca o coordenador dos cursos de Serviço Social presencial e a distância do Centro Universitário Internacional (Uninter), Dorival da Costa. “Vamos lembrar também que, até a década de 1980, o Brasil não tinha um satélite exclusivamente seu. Com condições de tecnologia de informação mais eficazes, a educação ganhou novos formatos e ficou acessível a muito mais pessoas”, explica Fioravanti.



VOCÊ NÃO PRECISA PARAR UMA LINHA DE PRODUÇÃO PARA QUE SEU COLABORADOR TENHA UMA NOVA FORMAÇÃO. COM O CURSO ONLINE VOCÊ PODE ORGANIZAR RODÍZIOS, CUIDANDO PARA QUE SUA PRODUTIVIDADE NÃO CAIA POR CONTA DAS AULAS.

Dorival da Costa

Coordenador dos cursos de Serviço Social presencial e a distância do Uninter

Para o coordenador do Uninter, a modalidade tem ganhado força no setor industrial por uma série de motivos, entre eles por focar em conhecimentos personalizados de acordo com a necessidade do demandante, por flexibilizar o tempo de estudo e por conseguir conjugar de forma harmônica os

SAIBA SE A EAD É PARA VOCÊ

INTERESSE PELO TEMA DO CURSO

SIM NÃO

MOTIVAÇÃO PARA APRENDER

SIM NÃO

INICIATIVA PARA DECIDIR SOBRE SUAS ATIVIDADES

SIM NÃO

AUTONOMIA PARA ESTUDAR

SIM NÃO

ORGANIZAÇÃO PARA ACOMPANHAR O CURSO E CUMPRIR OS PRAZOS

SIM NÃO

ESTABELECECER UMA ROTINA DE ESTUDO

SIM NÃO

GOSTO PELA LEITURA

SIM NÃO

ATENÇÃO

SIM NÃO

BOA COMUNICAÇÃO VERBAL E ESCRITA

SIM NÃO

CONHECIMENTOS BÁSICOS SOBRE INFORMÁTICA E USO DA INTERNET

SIM NÃO

Se você respondeu SIM para pelo menos cinco questões, você está pronto para a EaD.

processos educacional e produtivo. “Você não precisa parar uma linha de produção para que seu colaborador tenha uma nova formação. Com o curso online você pode organizar rodízios, cuidando para que sua produtividade não caia por conta das aulas”.

Espaço e tempo

A Sanepar identificou essas vantagens há três anos, quando optou pela EaD para atualizar seus colaboradores com capacitações. Para a empresa, que tem núcleos em 345 municípios paranaenses, o conteúdo online foi a opção perfeita, de acordo com sua coordenadora de Desenvolvimento de Pessoal, Ruth Favorin Martins. Entre as vantagens, ela destaca a disponibilidade das informações a qualquer momento, além de mais segurança para os colaboradores. “Com cursos presenciais, teríamos que concentrar a oferta em alguns polos, e os trabalhadores teriam que pegar estrada”, conta a gestora, que chegou a produzir três vídeo-aulas exclusivas para as necessidades da empresa. “Usamos os próprios técnicos como atores



Raphael Fioravanti, coordenador de Educação a Distância do Sistema Fiep: novas tecnologias tornaram modalidade mais acessível.

do filme. Todos ficaram muito felizes e o resultado foi ainda mais efetivo”, avalia Martins.

O estudante de Engenharia Mecânica da Universidade da Região de Joinville (Univille), Douglas Kotovicz, encontrou tempo para fazer o curso de EaD “Indústria Moveleira: Máquinas, EPIs e EPCs” durante os finais de semana. Kotovicz trabalha atualmente em uma empresa do setor metalúrgico e está buscando ampliar sua formação nas capacitações em EaD. “Moro em São Bento do Sul, no planalto alto catarinense, que tem um

polo moveleiro forte. Encontrei, por meio da Educação a Distância oferecida pelo Sesi Paraná, do Sistema Fiep, uma forma de me aproximar desse setor, sem precisar frequentar outra faculdade”, conta o estudante, que já está cursando outra capacitação em EaD – a quinta de sua lista.

E o preconceito?

Apesar do crescimento, há quem ainda veja a EaD com preconceito. Para Dorival da Costa, por falta de conhecimento. “Não há uma pesquisa que mensure e compare a eficiência do ensino presencial e a distância. O modelo de educação em sala de aula foi criado há 200 anos e vivemos uma realidade completamente diferente. É preciso acompanhar a evolução da informação. E acredito que a EaD seja uma resposta para as novas necessidades das pessoas”, finaliza o professor. ■

SISTEMA FIEP OFERECE LEQUE DE OPÇÕES

O Sistema Fiep oferta atualmente mais de 135 cursos de curta, média e longa duração por meio da Educação a Distância. São cursos nas áreas de Liderança e Gestão, Qualidade de Vida, Educação e Cultura, Responsabilidade Social e em diversos segmentos industriais. Os cursos são ofertados no site www.sistemafiep.org.br/ead.





OS CAMINHOS DO CRÉDITO

*Financiamento produtivo sustentável
impulsiona a indústria*

Imagine um atleta que irá disputar uma maratona. A respiração é muito importante para que ele tenha uma alta performance. Para a atividade produtiva, o crédito funciona da mesma forma que o oxigênio, impulsionando o negócio. Mas, assim como no esporte, só a respiração não é tudo - vários fatores influenciam na competitividade do setor produtivo, e o crédito deve ser usado com critério e como parte de uma estratégia de longo prazo, quando a taxa de retorno que a empresa ganha ao emprestar o capital de uma instituição financeira alavanca o negócio.

A indústria paraense Dexter Latina soube utilizar um financiamento como combustível para seus negócios. A empresa havia criado um novo produto para um antigo problema: um larvicida em microcápsulas para uso doméstico que fica ativo por 60 dias para o combate de mosquitos transmissores de doenças ainda no estágio de larva, especialmente o que transmite a dengue. Foi a ideia inovadora que deu à Dexter Latina, com sede em São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba), acesso, em 2015, a R\$ 5 milhões por meio de uma linha de crédito de incentivo à inovação.

O recurso foi utilizado para o desenvolvimento em escala do produto, vendido nas prateleiras dos pontos comerciais sob o rótulo de Straik Mata-Larvas, e para a promoção no mercado. "Tivemos acesso a um financiamento subsidiado para o projeto com uma taxa interessante e um prazo alongado de pagamento", conta Ricardo Frederico, diretor executivo da Dexter Latina.

Capa

O recurso aplicado em desenvolvimento e propaganda do larvicida alavancou a marca e outros produtos no mercado. E a indústria cresceu 40% de janeiro a outubro do ano passado, o que equivale a um aumento de 8% em comparação com os resultados obtidos em 2015.

As soluções no mercado

Evitar o endividamento é uma estratégia de sobrevivência no mundo dos negócios, mas o financiamento produtivo sustentável, quando bem gerenciado, é favorável à atividade, segundo o professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP), Renê Coppe Pimentel.

As principais linhas de crédito disponíveis são reguladas pelo Banco Central e têm aspectos limitadores que restringem a oferta de serviços diferenciados por parte das instituições. Para o setor produtivo, as soluções de



O FINANCIAMENTO PRODUTIVO SUSTENTÁVEL QUANDO É BEM GERENCIADO É FAVORÁVEL AOS NEGÓCIOS.

Renê Coppe Pimentel

Professor da USP

crédito são concedidas basicamente para expansão produtiva, modernização de máquinas e equipamentos, compra de insumos, capital de giro, crédito para exportação, recursos para inovação e projetos subvencionados por meio de editais.

O presidente da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), Edson Campagnolo, afirma que o acesso ao crédito é fundamental para o crescimento do setor produtivo. “Sem crédito dificilmente uma indústria conseguirá implantar novos projetos, ampliar mercados e contribuir para a

COMO PENSAM AS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

Para conceder crédito, o risco e o retorno do empréstimo são avaliados. Na atual conjuntura, o agente financeiro vê o aumento do risco e quer manter o mesmo nível de retorno. Para garantir a rentabilidade, ele aumenta os custos efetivos totais e seleciona os melhores projetos.

Uma série de critérios compõem a análise para o empréstimo, mas os principais itens levados em conta são:

PORTE DA EMPRESA

Os bancos segmentam as empresas por faturamento e algumas linhas de financiamento são destinadas para portes específicos. As instituições financeiras, principalmente as públicas, possuem soluções com taxas e prazos diferenciados para micro e pequenas empresas.

HISTÓRICO BANCÁRIO

Um dos itens principais na análise bancária, o histórico define se a empresa tem uma boa gestão financeira, capacidade de pagamento e se o empresário utiliza o crédito para alavancar seus negócios. A situação financeira de momento também é avaliada.

SEGMENTO DE ATUAÇÃO

Os agentes financeiros avaliam o setor em que a empresa está inserida, se o mercado em que atua tem potencial que justifique o investimento e se irá garantir capacidade de faturamento e de pagamento.

POTENCIAL DO PROJETO A SER FINANCIADO

Se o investimento irá trazer retorno para a empresa, com aumento de escala, faturamento e redução de custos.



SEM CRÉDITO DIFICILMENTE UMA INDÚSTRIA CONSEGUIRÁ IMPLANTAR NOVOS PROJETOS, AMPLIAR MERCADOS E CONTRIBUIR PARA A GERAÇÃO DE MAIS EMPREGO E RENDA PARA A SOCIEDADE.

Edson Campagnolo
Presidente da Fiep

geração de mais emprego e renda para a sociedade”, afirma. Segundo ele, é por isso que o financiamento produtivo figura entre um dos doze fatores-chave do Master Plan de Competitividade para a Indústria Paranaense. A publicação elenca os principais caminhos para a evolução do setor industrial do Estado. “Principalmente neste momento de dificuldades na economia brasileira, é preciso buscar alternativas que facilitem o acesso das indústrias ao crédito”, reitera Campagnolo.

Além de ser caro recorrer ao capital de instituições financeiras, dois fatores neste momento de retomada do crescimento dificultam o acesso ao crédito: a diminuição do volume de recursos disponíveis e a falta de informações aprofundadas sobre as opções no mercado e sobre o modo de acessá-las. “Para tomar uma decisão criteriosa, mais do que nunca o empresário precisa ter informação qualificada e seu negócio precisa estar minimamente organizado”, adverte o economista Marcelo Percicotti, gerente

de Economia, Desenvolvimento e Fomento da Fiep.

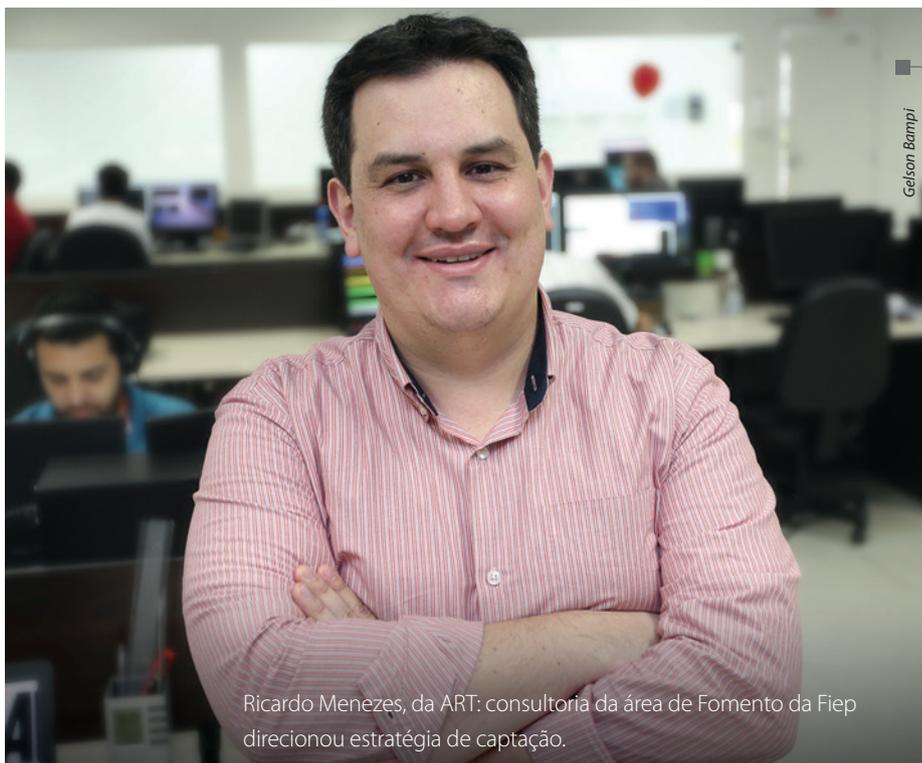
Consultoria individualizada

A busca por informações personalizadas para financiar um projeto inovador levou a Alta Rail Technology (ART) a buscar orientações junto à área de Fomento da Fiep no início de 2016. A empresa, com escritório central em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba, atua na área de desenvolvimento

e comercialização de tecnologia para gestão de operações ferroviárias, com foco em aumento de produtividade, melhoria na segurança e redução de custos.

Ricardo de Barros Menezes, head de Administração e Finanças da companhia, conta que a consultoria auxiliou a empresa. “Podemos conhecer as linhas disponíveis, taxas, processos mais ágeis versus mais atrativos e isso foi fundamental para definirmos nossa estratégia de captação”, avalia.

O projeto recebeu recursos de uma linha de financiamento subsidiado por um banco público e está em fase de desenvolvimento. Quando disponível no mercado, de acordo com Menezes, irá alavancar os negócios da empresa. “Se as perspectivas do produto se



Ricardo Menezes, da ART: consultoria da área de Fomento da Fiep direcionou estratégia de captação.

Gelson Bampi



NO BRASIL, TEMOS UMA CULTURA DE USAR SOMENTE AQUILO QUE CONHECEMOS. COM UMA BOA ASSESSORIA, É POSSÍVEL SER ORIENTADO SOBRE AS ESPECIFICIDADES DE CADA FUNDO.

Mario Candido Neto
Sócio-proprietário da Geld Group

concretizarem, a ART deve triplicar o volume de vendas nos próximos dois anos. Isso nos obrigará a ampliar a planta, contratar mais funcionários e consolidará nossa posição no mercado ferroviário dos Estados Unidos, que é o maior do mundo”, projeta.

O mercado de capitais

Diante do cenário econômico de retração, uma alternativa ainda pouco utilizada que passa a ser considerada pelos empreendedores são as soluções do mercado de capitais. As mais conhecidas são as debêntures, antecipação de recebíveis e os fundos private equity.

O professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, Renê Coppe Pimentel, comenta que a equipe econômica do governo de Michel Temer está trabalhando para que haja uma menor dependência entre a atividade produtiva e os financiamentos subsidiados. “O próprio BNDES, em sua nova

gestão, vem estudando processos de mudanças no financiamento das empresas. A ideia é direcionar os empréstimos para áreas consideradas prioritárias, que

demandam maiores incentivos, como os setores de saneamento básico, agrícola e de energias renováveis. E também vão passar a exigir uma participação acionária maior por parte dos empresários nos projetos”, pontua.

As debêntures, que funcionam como empréstimos em que o credor pode ser uma instituição bancária ou uma pessoa física, ainda são pouco utilizadas, de acordo com Pimentel, mas a tendência é que haja um crescimento da modalidade. Entre as principais vantagens deste tipo

PARA RECEBER INVESTIMENTO DE UM FUNDO

Antes de ser financiada por um fundo, a indústria precisa ter passado por uma das auditorias enquadradas como Big Four - EY, PwC, Deloitte ou KPMG. Depois de confirmada a transação, uma nova auditoria será feita para a checagem dos números. No momento da operação, por conta da legislação em vigor no Brasil, a indústria precisa ser uma Sociedade Anônima.

Um Conselho de Administração deve ser formado e é firmado um acordo sobre a relação de gestão com a empresa e o fundo. Há fundos que fazem a administração indireta através do Conselho e outros que estão no dia a dia da organização.

Uma solução para questões financeiras de curto período pode ser a antecipação de recebíveis. A modalidade ainda é pouco utilizada no País, principalmente por pequenas e médias indústrias. “Mas não deve ser uma solução recorrente para capital de giro, pois pode comprometer o caixa futuro. A solução precisa estar dentro de uma estratégia de composição para acesso ao recurso financeiro”, alerta o economista e gerente de Economia, Desenvolvimento e Fomento da Fiep, Marcelo Percicotti.



de captação está a emissão mais simplificada, que a torna mais acessível para o industrial. Além disso, as taxas tendem a ser menores, pois é um empréstimo direto, sem intermediação bancária. “O volume de recurso disponível é potencialmente maior”, explica o professor.

Pimentel afirma que entre as razões para a subutilização do mercado de capitais estão a falta de estímulo e a dificuldade de acesso para quem quer investir. Ele afirma que se houvesse maior praticidade no investimento em debêntures, uma pessoa física poderia financiar diretamente uma empresa, o que configuraria um importante canal de captação de recursos. “Hoje é muito mais fácil comprar ação do que debênture, quando a ação é mais arriscada e a debênture é um empréstimo. O risco existe apenas se a empresa que emitiu quebrar, o que é muito difícil ocorrer”, avalia.

Para a ajudar a crescer

Outra forma de captação de recursos são os fundos que operam investimentos, conhecidos como private equity, que fazem desembolsos para indústrias com faturamento anual acima de R\$ 50 milhões. São



O PRÓPRIO BNDES VEM ESTUDANDO PROCESSOS DE MUDANÇAS NO FINANCIAMENTO DAS EMPRESAS. A IDEIA É DIRECIONAR OS EMPRÉSTIMOS PARA ÁREAS CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS, QUE PRECISAM DE CRÉDITO INCENTIVADO.

Renê Coppe Pimentel
Professor da USP

indicados para negócios que já têm uma maturidade no mercado e trabalham com uma média de rentabilidade de 20 a 25% ao ano. “No Brasil, os fundos ainda são acessados por poucas empresas. Temos uma realidade muito diferente da dos Estados Unidos. Lá a companhia já nasce e tem aporte de um fundo. No Brasil, temos uma cultura de usar somente aquilo que conhecemos”, afirma o sócio-proprietário da Geld Group, Mario Candido Neto. Ele afirma que com uma boa assessoria, o empresário pode maximizar o investimento e ser orientado sobre as especificidades de cada fundo.

Um dos principais benefícios em receber investimentos, aponta Neto, é que os fundos trazem melhoria para a gestão do negócio e maior governança corporativa. “As decisões passam a ser compartilhadas. É muito importante que as indústrias estejam preparadas e cientes destas mudanças e entendam que tudo isso ajuda no avanço da gestão, a enxergar novos horizontes e novos mercados e a trazer mais estratégia para o negócio”, explica.

Há também fundos voltados para empresas que buscam a retomada do crescimento. Eles trabalham com uma média de 30% de retorno ao ano. E fazem o investimento em busca de rentabilidade maior e investem para reorganizar a empresa, para vendê-la num prazo médio de cinco anos e receber um ágio na transação.

Crédito para exportar

Uma série de fatores favoráveis podem levar uma indústria a exportar, desde diferenciação do produto, planos de expansão e mercados abrangentes. A busca por novos mercados pode exigir que a empresa tome crédito para financiar a produção ou a adequação dos produtos sem comprometer a capacidade financeira para atender ao mercado interno.

Foi o que aconteceu com a Rotary Speto, fabricante de espetos giratórios para churrasco. A empresa

tem sede em Pinhais, também na Região Metropolitana de Curitiba, e exporta para sete países. No início de 2016, depois de uma orientação dos especialistas em crédito da Fiep, ela teve acesso a um financiamento para adequação dos produtos e início das exportações. Os negócios eram realizados apenas em território nacional e com o investimento feito na adaptação das embalagens, etiquetas e manuais, a empresa passou a comercializar produtos para Portugal, Chile, Bolívia, Paraguai, Equador, Estados Unidos e Japão.

A sócia-proprietária Ana Maria Gonçalves conta que os resultados foram percebidos em curto prazo: “Tivemos um aumento de 25% no



QUANDO COMEÇAMOS A TRABALHAR COM EXPORTAÇÃO ENTENDEMOS QUE NÃO EXISTE CRISE. TIVEMOS UM AUMENTO DE 25% NO VOLUME DE VENDAS.

Ana Maria Gonçalves
Sócia-proprietária da Rotary Speto

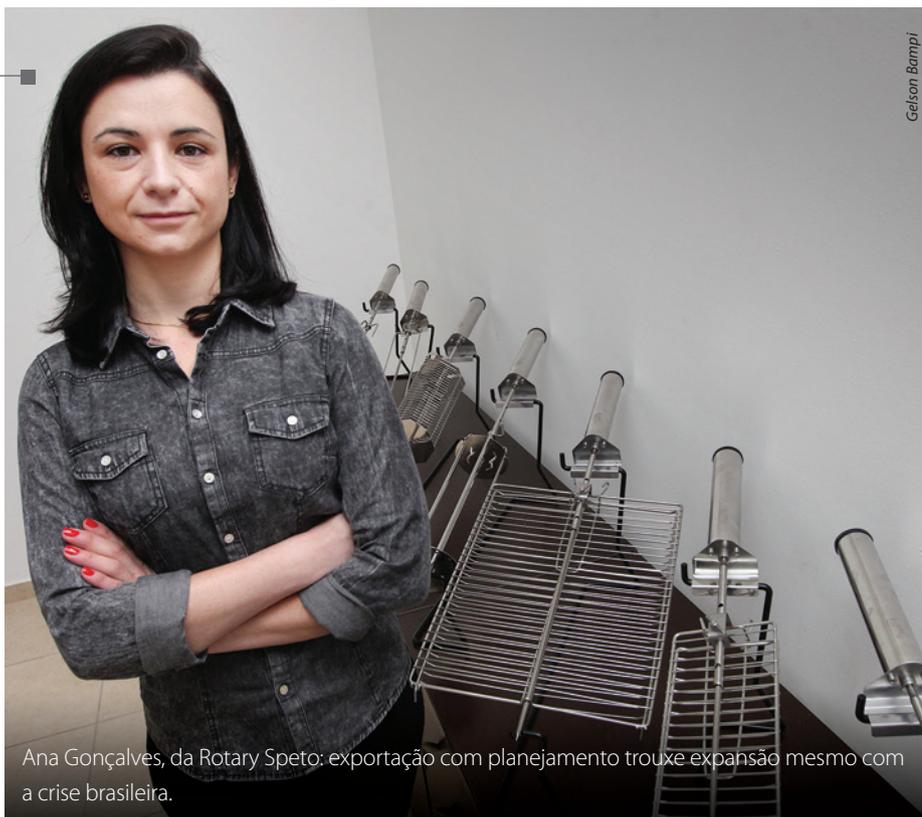
nosso volume de venda. Quando começamos a trabalhar com exportação entendemos que não existe crise”.

Hoje, as instituições financeiras operam linhas de financiamento destinadas à exportação para indústrias que já vendem para o mercado externo e para aquelas que ainda estão iniciando a operação. Também há linhas disponíveis para promoção de

produtos, como divulgações em feiras nacionais ou internacionais. “É um crédito mais barato, não tem incidência de IOF”, explica Rúbia Ochne de Moraes, gerente de Apoio ao Comércio Exterior do Banco do Brasil, instituição que opera uma das principais linhas de financiamento para exportação no País.

Atenção às especificidades

É importante que o empreendedor compreenda quais são as características do comércio exterior e tome o crédito consciente das peculiaridades do mercado onde irá atuar. O principal cuidado que deve ser observado ao buscar recurso para exportar é que as linhas são vinculadas à performance. “A exportação precisa ocorrer. Se não ocorrer, o Banco Central irá entender que houve um desvio de finalidade do financiamento e você terá uma operação de capital de giro com juros e taxas domésticas, deixando de incidir os juros internacionais, que são mais baratos”, alerta Rúbia.



Gelson Bampi

Ana Gonçalves, da Rotary Speto: exportação com planejamento trouxe expansão mesmo com a crise brasileira.

EQUILIBRAR AS CONTAS PARA VOLTAR A CRESCER

Ajuste fiscal é considerado peça chave para retomar confiança de investidores e recuperar a economia do País



Durante cinco anos consecutivos, a Crivalli, uma indústria de produtos de limpeza e higiene com sede em Maringá, viu seu faturamento crescer entre 15% e 20% anualmente. A crise atingiu o País e, desde 2015, o ritmo de expansão desacelerou bruscamente, obrigando a empresa a ajustar suas contas ao novo cenário econômico. “Dada a gravidade da situação, refizemos todo nosso planejamento”, conta o diretor comercial e de marketing da Crivalli, João Cantagalli. “Cortamos custos sobre os quais, de certa forma, a gente não vinha colocando a lupa. Enquanto você está naquele corre-corre das vendas crescendo, acaba negligenciando muita coisa, não se atenta a detalhes”, acrescenta.

A “negligência” admitida pelo empresário no caso das contas de sua empresa guarda similaridade, em menor proporção, com o descontrole nas contas públicas brasileiras, fator apontado por especialistas como crucial para que o País mergulhasse em uma das mais profundas crises econômicas de sua história recente. E, assim como a grande maioria das indústrias vem buscando ajustar suas contas para atravessar o momento de turbulências, o ajuste fiscal do governo é considerado essencial para que o País retome o rumo do crescimento.



É PRECISO VIGIAR O GOVERNO DE PERTO, PORQUE ELE É A FONTE DE TODOS OS NOSSOS PROBLEMAS.

Raul Velloso

Ph.D em economia pela Universidade de Yale (EUA)

“As dificuldades do País estão principalmente no desequilíbrio entre receitas e despesas públicas. Como em toda família ou empresa em que o gasto é maior do que o que se ganha, há um desequilíbrio nas contas”, afirma o economista Gil Castello Branco, secretário-geral da Associação Contas Abertas, entidade sem fins lucrativos que atua pelo aprimoramento da qualidade e legalidade do gasto público. Depois de anos de constante crescimento econômico e seguidos aumentos na arrecadação, o governo descuidou das despesas, especialmente quando a economia deu os primeiros sinais de desaceleração, no governo Dilma Rousseff. Essa situação fez com que a dívida pública chegasse ao equivalente a 70% do PIB brasileiro.

O impacto sobre o setor produtivo veio ao mesmo tempo, principalmente pelo aumento dos juros. “O governo precisa de mais recursos para se financiar e as taxas de juros sobem, o que atrapalha e inibe o investimento privado”, explica Nelson Marconi, doutor em Economia e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). “O governo também diminui a capacidade de

gastos cortando investimentos que poderiam estimular a atividade econômica”, completa.

O acúmulo desses e de outros fatores, como a instabilidade política do País, fizeram surgir um componente



fundamental para a instalação de qualquer crise econômica: a perda de confiança dos investidores. É o que pontua o consultor Raul Velloso, Ph.D em economia pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos. “O superávit expressivo que o governo vinha tendo virou déficit, que virou recessão, que trouxe desemprego e aumentou a taxa de risco do País. Uma hora isso tudo gera desconfiança”, diz.

Reversão do quadro

As mudanças promovidas pela Crivalli para compensar a retração nas estimativas de vendas e suportar o período de crise incluíram um corte de aproximadamente 10% no valor de sua folha de pagamentos. Também foram adotadas outras medidas, como estímulo à redução no consumo de água e uma sintonia fina nos ajustes de maquinário. Apesar

RECUPERAÇÃO DEVE SER LENTA E DEPENDE DE OUTRAS REFORMAS

Um ajuste fiscal que garanta equilíbrio às contas públicas é considerado fundamental para que o Brasil tenha crescimento econômico em longo prazo. Mas como algumas das ações desse ajuste levarão certo tempo para que façam efeito, quando o País começará a ter sinais concretos de que a crise passou?

Para os economistas, os primeiros sinais de recuperação devem ser sentidos já em 2017, mas ainda de maneira tímida. “A perspectiva (de crescimento) não é para 2017, mas a gente fazendo a lição de casa, em 2018 o Brasil já vai ter uma trajetória de crescimento melhor”, diz Marcelo Curado, da UFPR. “Não vai ser naquelas taxas que tivemos entre 2004 e 2010, mas algo em torno de 2% a 2,5%”, completa.

Nelson Marconi, da FGV, concorda que para este ano a perspectiva ainda é nebulosa. “Podemos ter uma taxa de crescimento pequena porque estamos muito no fundo do poço”, afirma. “Se começarem realmente a diminuir a taxa de juros, se conseguirem implementar um programa de concessões (em infraestrutura), se retornarem a taxa de câmbio a um patamar mais competitivo, aí poderia haver uma recuperação”, declara.

Mais do que isso, os economistas defendem que sejam atacados outros vários gargalos que afetam a competitividade



A PERSPECTIVA (DE CRESCIMENTO) NÃO É PARA 2017, MAS A GENTE FAZENDO A LIÇÃO DE CASA, EM 2018 O BRASIL JÁ VAI TER UMA TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO MELHOR.

Marcelo Curado
Universidade Federal do Paraná

do setor produtivo brasileiro há anos. “Para sustentar um crescimento, o Brasil vai ter que avançar em uma série de outras agendas. Teremos que pensar na melhoria do ambiente de negócios, com simplificação da estrutura tributária, em um processo de concessões à iniciativa privada que permita investimentos em infraestrutura e numa revisão da política trabalhista”, enumera Curado.

de importantes para a contenção de gastos, o diretor João Cantagalli afirma que a empresa identificou a necessidade de ajustes mais profundos. “Não vimos só os pequenos custos, porque não é reduzindo 10% da folha que vamos resolver o problema, há uma série de situações que afetam o resultado final da empresa. Temos cerca de 50 fornecedores principais, que têm um peso grande no nosso custeio, e fomos pessoalmente negociar com cada um deles”, revela.

Novamente fazendo um paralelo com as contas governamentais, o ajuste para recolocar as finanças do governo em ordem, melhorar o cenário macroeconômico e retomar a confiança dos investidores passa, obrigatoriamente, pelo corte de diversos “pequenos custos” na administração pública. Em um primeiro momento, isso deve ocorrer por meio dos dispositivos previstos em uma Proposta de Emenda à Constituição aprovada pelo Congresso Nacional no fim de 2016.

Conhecida como PEC do Teto dos Gastos, ela estabelece que, pelo período de 20 anos, o crescimento das despesas do governo federal não pode superar a inflação do

ano anterior. “Você pode discutir se esse instrumento tem alguns exageros, mas a PEC na verdade estabelece um limite de gastos. Esse é um primeiro norte importante”, afirma o doutor em economia Marcelo Curado, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Os especialistas, porém, são unânimes em apontar que a PEC, por si só, não será suficiente para estabilizar o quadro fiscal brasileiro em longo prazo. “A PEC sozinha é inócua”, declara Gil Castello Branco, da Contas Abertas. “Ela só terá efeito se forem atacados também os grandes grupos de despesas públicas”, completa. O consultor Raul Velloso concorda com a tese. “O problema maior reside em itens que pesam muito no gasto público e que vão subir acima da inflação de qualquer forma. São os casos da Previdência, assistência social e gastos com pessoal. Essas três áreas representam 70% dos gastos do governo”, afirma.

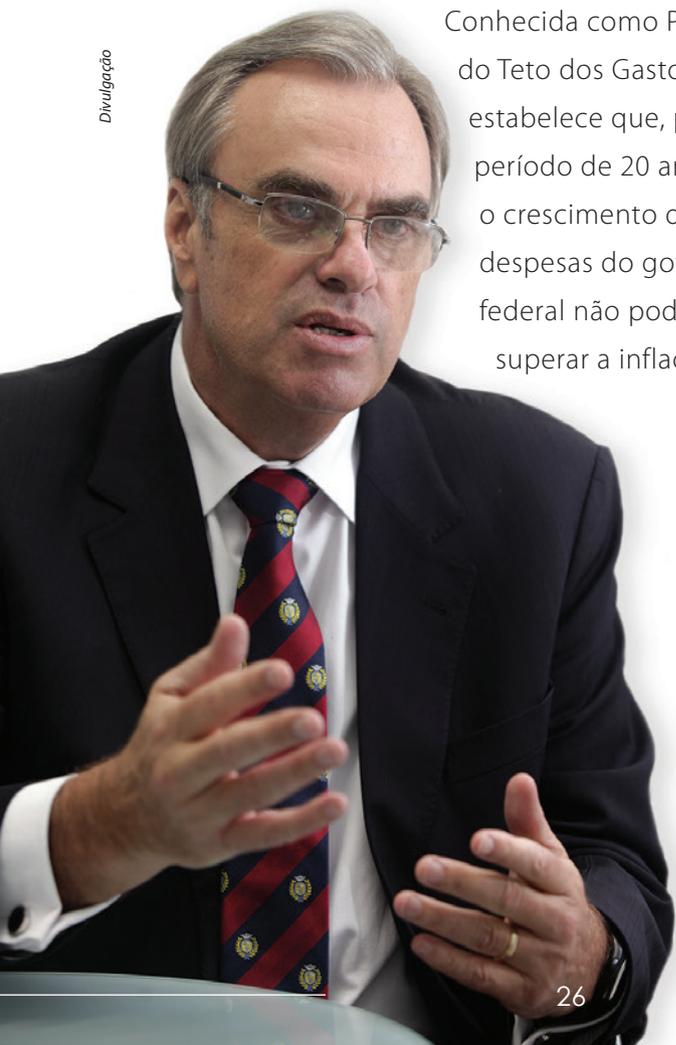
Prioridade 1

Entre todas essas grandes despesas, a prioridade inicial – em nova unanimidade entre os especialistas – deve ser a Previdência. “O governo está montando um programa muito ambicioso do ponto de vista fiscal. Mas se ele impõe um teto e não resolve a questão da Previdência, vai requerer necessariamente que comprima outras despesas”, explica Nelson Marconi,



A PEC SOZINHA É INÓCUA. ELA SÓ TERÁ EFEITO SE FOREM ATACADOS TAMBÉM OS GRANDES GRUPOS DE DESPESAS PÚBLICAS.

Gil Castello Branco
Contas Abertas



O QUE DIZ O GOVERNO?

O governo federal dá fortes sinais de que parece estar ciente dos desafios que tem pela frente para recolocar as finanças públicas em ordem. Não apenas pela aprovação da PEC do Teto dos Gastos, mas também por considerar fundamental uma reforma no sistema previdenciário. Veja o que a secretária do Tesouro Nacional, Ana Paula Vescovi, fala sobre alguns desses temas:

Teto dos gastos

“O primeiro passo que demos no governo foi a PEC dos Gastos. Não é a solução do problema fiscal, é uma baliza para que possamos endereçar a solução do problema fiscal no Brasil. E nós teremos um ganho adicional. Teremos uma discussão sobre escolhas públicas, o que o Brasil não faz há muito tempo. Quando quisermos aumentar um programa, ou criar um novo programa, teremos que discutir qual vai ser reduzido ou cancelado. Aí vem uma escolha de qualidade: o que impacta positivamente, o que é mais eficiente do ponto de vista do gasto público.”

Previdência

“Se permaneceremos nas regras atuais, em 2060 estaremos com uma carga tributária 10 pontos percentuais maior do que o PIB de hoje. Ou, se não fizermos essa carga tributária, estaremos de volta aos anos 1980, com hiperinflação, uma dívida explosiva e um país literalmente dentro de um caos. Antes tarde do que nunca, está na hora de enfrentar essa questão, que é sensível e traz muita discussão corporativista, muita contrainformação. Se não fizermos a reforma, teremos dificuldades de pagar os direitos. Direito não é o que está escrito no papel, é o que a gente consegue pagar, honrando com nossos compromissos financeiros.”

da FGV. Marcelo Curado, da UFPR, acrescenta que uma reforma no sistema previdenciário é urgente. “Questões da Previdência, como a idade mínima (para aposentadorias), passaram a ser questões de sobrevivência do Estado brasileiro. A maior parte dos países que têm estrutura demográfica com população mais velha, como o Brasil está caminhando para ter, precisam fazer essa reforma”, justifica.

O sucesso do equilíbrio nos gastos públicos dependerá, acima de tudo, da força que o governo precisará mostrar, especialmente em 2017, para enfrentar grupos contrários a mudanças na Previdência ou na política de pagamentos a servidores, entre outras áreas. “O problema no Brasil nunca foi de diagnóstico, mas de ambiente político adequado para executar as mudanças necessárias”, afirma Castello Branco.

Para Raul Velloso, a participação da sociedade nessas discussões, exercendo pressão sobre governo e Congresso e fiscalizando a aplicação dos recursos, é essencial para que o ajuste fiscal de fato avance e recoloca o País no rumo do crescimento. “É preciso participar mais do processo político, com espírito coletivo. É preciso vigiar o governo de perto, porque ele é a fonte de todos os nossos problemas”, resume. ■



SIMBIOSE

Indústrias paranaenses dão exemplo e mostram como a transformação social pode caminhar ao lado do sucesso empresarial

Thiago Marques/Divulgação Casulo Feliz



Era final da década de 1980, quando Maringá, no Noroeste do Paraná, tinha só 40 anos. A apenas 1,5 km da catedral, um dos pontos mais conhecidos da cidade, ficava o bairro de Santa Felicidade, que apesar da proximidade do centro não atraía moradores porque era vizinho da lagoa de estabilização do esgoto do município. Entre os poucos residentes na área estavam algumas famílias alojadas pela prefeitura após uma desapropriação do entorno da ferrovia que corta a cidade. Foi esse o cenário escolhido pelo então professor universitário Gustavo Serpa Rocha para abrir

Gustavo Serpa Rocha, da Casulo Feliz: trabalho e amparo social mudaram comunidade carente de Maringá.

sua empresa do setor têxtil, a Casulo Feliz – hoje premiada, com clientes fiéis dentro e fora do Brasil e presente nos desfiles das principais marcas de moda do país como Osklen, Ronaldo Fraga e Cantão.

A Casulo Feliz é um dos muitos exemplos de indústrias que conseguem mudar a realidade de seu entorno e promover desenvolvimento, com geração de renda, empregos e oferta de estudo. “Quería a indústria dentro da favela, porque quem vai trabalhar para você - e se relacionar com você - são seus vizinhos. Isso gera muito comprometimento entre os envolvidos”, explica o empreendedor.

Formado em Zootecnia e professor de sericicultura (criação de bicho-da-seda) na Universidade Estadual de Maringá (UEM), Rocha lembra que o índice de criminalidade em Santa Felicidade era um dos mais altos da cidade e era necessário qualificar mão de obra, dar estudo



Colaboradores da Casulo Feliz rodeiam o fundador da empresa e sua esposa, Terezinha Zubioli: “relação com a comunidade gera comprometimento por parte dos funcionários”.

e assistência aos moradores para tê-los prontos para o trabalho. “Os moradores que trabalhavam eram catadores de papel ou empregadas domésticas. Ali não havia creche, escola ou emprego próximo. Eu sabia que havia um grande trabalho de transformação a ser feito”, conta Rocha, que viu na carência generalizada do bairro a oportunidade de gerar algo totalmente novo, sustentável

e agregador, com vínculos verdadeiros entre a indústria e seu capital humano.

Sem medo de experimentar, ele arregaçou as mangas e começou a tecer seu negócio. No início, eram 40 colaboradores, quase todos vizinhos. Eles frequentaram cursos de formação de tecelão e, para os familiares, foi ofertado inicialmente um curso de música. José Fabiano dos Santos tinha 14 anos quando conheceu a empresa. “Os moradores de Santa Felicidade não conseguiam emprego fora do bairro porque havia muita discriminação. Como o Gustavo tinha uma participação social forte na comunidade, minha mãe foi até ele para pedir emprego para mim. Comecei separando casulos”, lembra o atual gerente de produção, que desenvolveu várias habilidades nestes 24 anos



QUERIA A INDÚSTRIA DENTRO DA FAVELA, PORQUE QUEM VAI TRABALHAR PARA VOCÊ - E SE RELACIONAR COM VOCÊ - SÃO SEUS VIZINHOS. ISSO GERA MUITO COMPROMETIMENTO ENTRE OS ENVOLVIDOS.

Gustavo Serpa Rocha
Proprietário do Casulo Feliz

Responsabilidade Social

de atuação na indústria - e que é hoje um dos raros conhecedores profundos de seda.

A estação de tratamento de esgoto foi transferida e aos poucos a indústria que vendia beleza, moda e tendência conseguiu inspirar e influenciar seu entorno. E a Casulo, que antes parecia longe de tudo, viu a cidade chegar e se expandir.

Desenvolvimento em conjunto

Para as indústrias Gazin, o crescimento está intimamente ligado à comunidade e ao compromisso com as pessoas que cercaram a empresa desde seu início, em Douradina, no Noroeste do Paraná, como uma pequena loja de móveis.

Com uma economia baseada



ATÉ PENSAMOS EM ABRIR A PRIMEIRA FÁBRICA EM SÃO PAULO. A GENTE IA ABANDONAR TUDO AQUILO QUE TINHA CRIADO AO LONGO DE 30 ANOS E DE REPENTE IRÍAMOS EMBORA. TUDO ISSO PESOU MUITO PARA ESCOLHERMOS DOURADINA MESMO PARA NOSSA PRIMEIRA INDÚSTRIA.

Mário Gazin

Proprietário das Indústrias Gazin

na cafeicultura, a cidade perdia moradores a cada nova geada. O fundador do grupo, Mário Gazin, decidiu então migrar com seus clientes. E a cada safra ruim de café, uma nova loja Gazin abria suas portas – no interior de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Acre e outros Estados. Com a expansão, o grupo precisou otimizar

seu desempenho, investindo em estrutura própria. E assim foram inauguradas as indústrias Gazin.

“Até pensamos em abrir a primeira fábrica em São Paulo, mas teríamos que mudar conosco cerca de 50 famílias, depósito, estrutura, além da adaptação à cultura da cidade. A gente ia abandonar tudo aquilo que



Mário Gazin: fidelidade às raízes fez a pequena Douradina evoluir junto com a empresa.

tinha criado ao longo de 30 anos. Tínhamos alimentado a esperança de moradores e de repente iríamos embora. Tudo isso pesou muito para escolhermos Douradina mesmo para nossa primeira indústria. Hoje a cidade vive a Gazin e a Gazin vive a cidade”, conta Mário, acrescentando, orgulhoso, que pelo menos metade dos 7 mil habitantes do município tem ligação com a indústria de colchões e estofados.

Atualmente, a Gazin possui quase 50 programas diferentes de relacionamento com a comunidade, como o Saúde em Primeiro Lugar (que presta atendimento móvel de orientação e prevenção em saúde), o Na Melhor Idade (que reúne idosos para exercícios físicos e interação) e o Programa de Incentivo Universitário, que dá bolsas de ensino superior para colaboradores. “Estava há 14 anos sem estudar e agora sou candidato a uma bolsa integral, por minhas boas notas”, conta o supervisor de produção William Tancredo Outida, que trabalha na Gazin há seis anos.

Outida concluiu o ensino médio e mudou-se para o Japão, onde morou por 8 anos, trabalhando em montadoras e indústrias campeãs de produtividade e inovação. “Aprendi muita coisa fora do país, mas queria voltar para o Brasil - mais especificamente para Douradina -, pela qualidade de vida da cidade”, diz o supervisor, que reconhece a atuação da Gazin como um dos motivos do desenvolvimento da região.



POR BUSCAR SEMPRE INOVAÇÕES, O GRUPO CONSEGUE FAZER COM QUE A CIDADE SE DESENVOLVA JUNTO. E ISSO GERA UMA INFLUÊNCIA MUITO POSITIVA PARA A VIDA DAS PESSOAS.

William Tancredo Outida
Supervisor de produção da Gazin



Mário Gazin (centro) em passeio ciclístico no centro de Douradina: 50 programas diferentes de relacionamento com a comunidade.

Desde o início do projeto, há 10 anos, cerca de 100 colaboradores da indústria já foram favorecidos pelo Programa de Incentivo Universitário. Os beneficiados têm 50% da mensalidade garantida. Se a média do aluno foi igual ou superior a 8,0, a bolsa passa a ser integral. “Por buscar sempre inovações, o grupo consegue fazer com que a cidade se desenvolva junto. E isso gera uma influência muito positiva para a vida das pessoas, para a forma como interagimos no dia a dia, com respeito e com relações mais humanas”, explica Outida.

O empresário da Casulo Feliz também aposta nas relações estabelecidas com sua vizinhança para a manutenção da saúde nos negócios. “Acredito muito nesse conceito de ter a indústria dentro da favela, porque assim você consegue ter a família de seus colaboradores por perto. Há acolhimento e conforto, por conta da proximidade”, justifica Gustavo Rocha, que conseguiu ser sustentável, valorizando os recursos que tinha à sua volta. “Ainda hoje contrato a mão de obra de artesãos do bairro. São bordadeiras, crocheteiras e tricoteiras que entregam trabalhos personalizados para algumas coleções de grandes estilistas. Formei mão de obra e agora tenho aqui perto tudo de que preciso”, exalta.

INCENTIVO PARA O FORTALECIMENTO

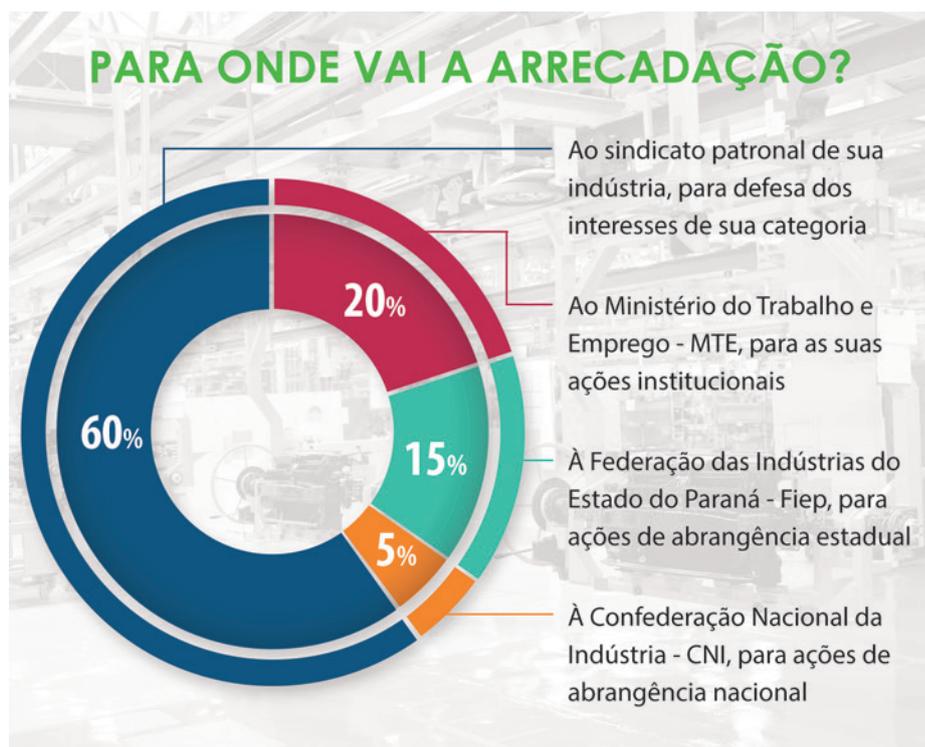
Apoio ao industrial abrange competitividade, internacionalização e defesa de interesses. É o recurso da contribuição sindical retornando em benefícios à indústria

A escassez de produtos automotivos em 1994 surgiu como oportunidade de negócio para a Flaus, que começou fabricando materiais específicos. Hoje, a indústria de Sarandi (Norte do Estado) possui mais de 1.500 itens na linha de produção. José Roberto de Souza Correia, administrador da empresa, conta que o avanço na gestão está ligado à participação no Edital Lean Express, lançado em 2015 pelo Programa de Melhoria da Competitividade, uma parceria entre a

Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep).

“A possibilidade de acessar outros serviços foi bem aceita e nos ajudou a buscar oportunidades em um momento de crise. Não fosse pelo incentivo da Fiep, ficaríamos olhando para dentro da empresa e não faríamos diferente das demais”, explica. Essa é apenas uma das histórias com participação da Contribuição Sindical Empresarial, iniciativa que ajuda os industriais a aumentar a competitividade diante do atual momento econômico.

A história da Flaus é semelhante à da fabricante de móveis Virmond. Há 38 anos no mercado, a indústria de Colombo (Região Metropolitana de Curitiba) passou do pai para o filho Miguel Porfírio, que viu no programa uma oportunidade para promover mudanças importantes. “Tive acesso à consultoria com valor mais acessível que no mercado e



ainda conto com a credibilidade da Fiep e participação do Simov (sindicato do segmento)”, conta.

Ação em conjunto

Estas e outras empresas foram beneficiadas pelos editais de competitividade, responsáveis por reduzir a movimentação no chão de fábrica em até 75% e aumentar a produtividade em até 46%. Em 2016, três editais do Programa de

Competitividade beneficiaram 117 indústrias e, em 2017, serão mais 100 contempladas em outros cinco editais para diferentes setores industriais.

Este apoio ao industrial só é possível por meio da atuação conjunta de sindicatos empresariais, federações e confederações. Juntas, as instituições oferecem capacitações gratuitas voltadas à realidade do setor industrial e ações para a abertura de novos negócios, como missões empresariais.

As 17 visitas in loco a outros mercados estimula ainda a internacionalização de indústrias paranaenses. Em 2016, o Centro Internacional de Negócios do Paraná (CIN-PR) levou empresários para 10 países, de três continentes, gerando novos acordos e projeções de negócios.



A POSSIBILIDADE DE ACESSAR OUTROS SERVIÇOS FOI BEM ACEITA E NOS AJUDOU A BUSCAR OPORTUNIDADES EM UM MOMENTO DE CRISE. NÃO FOSSE PELO INCENTIVO DA FIEP, FICARÍAMOS OLHANDO PARA DENTRO DA EMPRESA E NÃO FARÍAMOS DIFERENTE DAS DEMAIS.

José Roberto de Souza Correia
Administrador da empresa Flaus



Delegação paranaense na competição em Brasília, junto ao presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo: estímulo ao conhecimento.

PATRIMÔNIO PARANAENSE

Estudantes do Paraná conquistam doze medalhas e levam Estado ao segundo lugar na Olimpíada do Conhecimento

Maior competição de ensino profissional das Américas, a Olimpíada do Conhecimento reúne a cada dois anos estudantes do Senai e dos Institutos Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Na edição de 2016, sediada em Brasília entre os dias 10 e 13 de novembro, participaram 48 alunos do Paraná, acompanhados de 11 docentes - e o resultado foi o melhor já obtido na competição.

Os alunos paranaenses trouxeram doze medalhas para o Estado, sendo seis de ouro, três de prata e três de bronze. Eles disputaram desafios em atividades voltadas para a educação profissional: Desafio por Equipes, Avaliação Prática do Estudante, Avaliação Prática do Estudante para Pessoas com Deficiência, Inova Senai, Grand Prix de Inovação e Senai Brasil Fashion. Com o resultado, o Senai Paraná foi o segundo colocado na classificação geral.

A Olimpíada do Conhecimento teve em 2016 um novo formato. Os jovens competiram em sete áreas tecnológicas com avaliações individuais, provas por equipe e na criação de projetos inovadores. O evento recebeu mais de 118 mil visitantes em um espaço de 50 mil metros quadrados. Participaram 1.200 competidores de 26 Estados do País.

Os alunos foram avaliados por conhecimentos teóricos e práticos, habilidades intelectuais e atitudes consideradas essenciais para o exercício profissional. São levados em conta ainda os produtos de projetos desenvolvidos em uma situação real de mercado nas diversas áreas.

Formação

Para a gerente executiva de Educação do Sesi e Senai Giovana Punhagui, foi uma grande oportunidade de os alunos mostrarem o que aprenderam e para trocar experiências. “São os maiores ganhos de eventos como esse. Trata-se da prática aliada à teoria e em tempo real”, afirma.

As medalhas

Nas avaliações individuais, o Paraná recebeu o ouro pelo desempenho de Johnata dos Santos Matheus, em Usinagem CNC (Comando Numérico Computadorizado). Os competidores de seis Estados tiveram uma hora para programar e simular a fabricação de uma peça com base no projeto solicitado pelos organizadores da prova. Eles usaram um software simulador de uma máquina CNC para fabricar peças de forma automática.

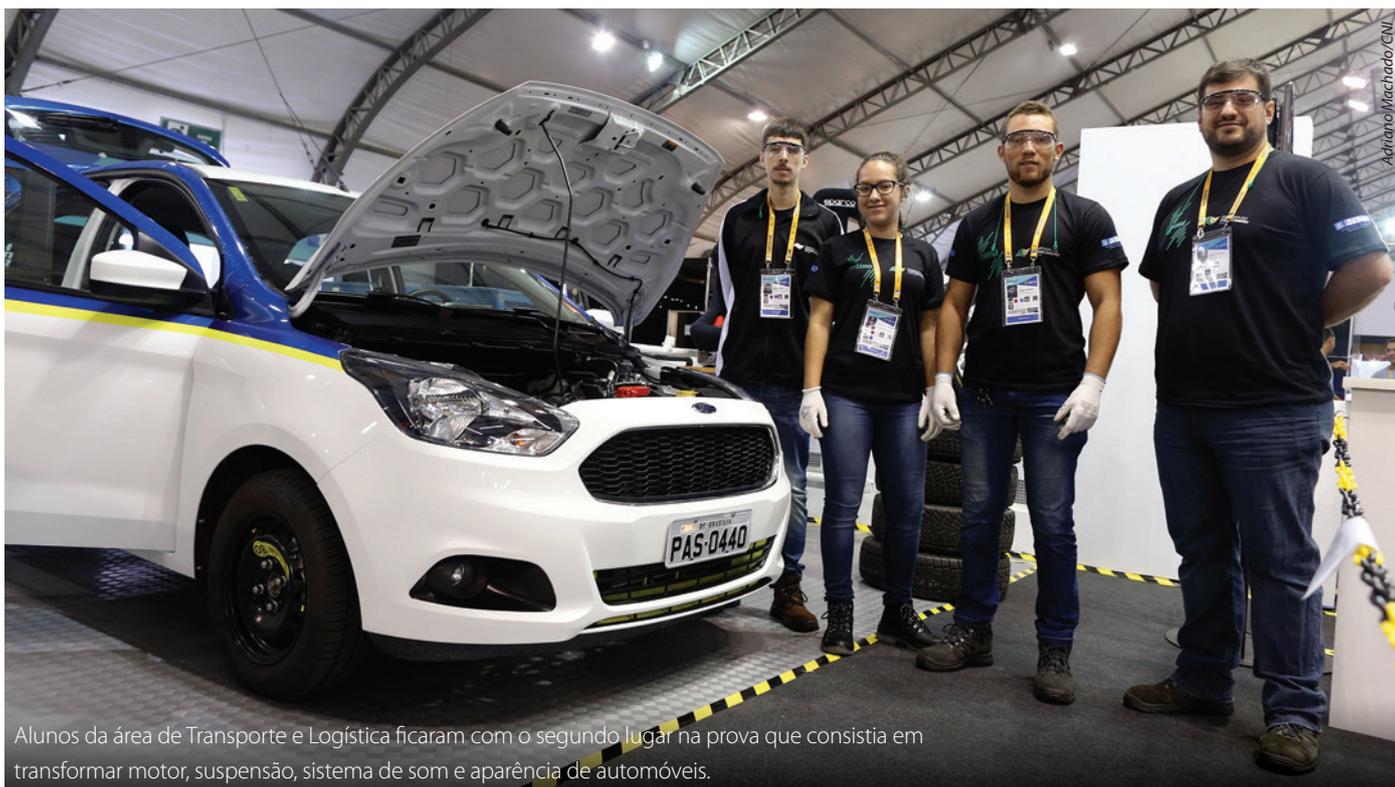
Outro ouro foi conquistado pelo aluno Carlos Eduardo de Almeida, em Web Design, que teve como desafio uma hora para realizar melhorias em um site de um banco de sangue do Distrito Federal, com o objetivo de incentivar as pessoas à doação. As melhorias deveriam ser feitas com base em recursos



Milton Bittencourt participou do Sistema de Avaliação da Educação Profissional (Saep) e faturou a medalha de ouro.

e parâmetros técnicos fornecidos. O trabalho foi avaliado pelo público presente.

Gustavo Cavalcante Borges, que recebeu o terceiro ouro do Paraná, teve uma hora para elaborar um jogo, com base no banco de dados e parâmetros técnicos fornecidos. A escolha para esse desafio, de Soluções em Software, foi feita por votação popular.



Alunos da área de Transporte e Logística ficaram com o segundo lugar na prova que consistia em transformar motor, suspensão, sistema de som e aparência de automóveis.

Também receberam ouro dois alunos que participaram do Sistema de Avaliação da Educação Profissional (Saep). Essas foram avaliações práticas em que se analisou a qualidade da educação em cinco cursos técnicos e três de qualificação ofertados pelo Senai. Os alunos vencedores foram Milton Bittencourt, do



SÃO OS MAIORES GANHOS DE EVENTOS COMO ESSE. TRATA-SE DA PRÁTICA ALIADA À TEORIA E EM TEMPO REAL.

Giovana Punhagui

Gerente executiva de Educação do Sesi e Senai

Técnico em Edificações, e Daniel Francisco Dallavale Júnior, do Técnico em Mecânica.

E uma medalha de ouro foi entregue, ainda, para a ex-aluna Giseli Silvestre, com deficiência auditiva (Categoria Pessoa com Deficiência – PcD), em Costureiro Industrial. Giseli competiu com outros 9 participantes de vários estados na confecção de uma camiseta polo, no período de cinco horas, e de uma saia cargo em seis horas.

PARANÁ DESFILA SUAS COLEÇÕES NO SENAI BRASIL FASHION

A terceira edição do projeto Senai Brasil Fashion, promovido pelo Senai Cetiqt (Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do Senai), levou à passarela montada no Museu Nacional, em Brasília, as coleções de 12 jovens talentos brasileiros. O desfile, uma das ações da Olimpíada do Conhecimento 2016, reuniu alunos do Senai de vários Estados, selecionados pelas coleções desenvolvidas a partir do tema “O Poder de Transformar”.

Pelo Paraná, as alunas do curso de Design de Moda Caroline Contador e Maria Fernanda Nunes foram as escolhidas entre os cerca de 500 alunos inscritos no Estado. “Acredito que não foi tanto o talento que me trouxe até aqui, mas o fazer algo diferente e especial. Foi isso que me levou a fazer moda e é o que me move a continuar mesmo sabendo que é uma carreira difícil”, disse Carolina, emocionada com o resultado e a aceitação de seu trabalho.

Uma das três peças trazidas por Caroline foi desfilada pela miss Brasil 2016, Raissa Santana, paranaense de Umuarama. Já uma das seis peças de Maria Fernanda foi trazida à passarela pela top model Fernanda Tavares. “Tudo o que vivenciamos nesse período vai refletir no nosso trabalho, em nossa postura e comportamento. A partir de agora vão surgir muitos projetos”, disse a estudante.

Durante as etapas e os encontros entre os jovens profissionais, eles receberam apoio e consultoria de estilistas renomados no Brasil, como Alexandre Herchcovitch, Lino Villaventura, Lenny Niemeyer e Ronaldo Fraga.

Ainda nos desafios individuais, o aluno Marcelo Sedoski recebeu a medalha de prata pelo desempenho em Eletrônica. Ele ficou em segundo lugar na tarefa de soldar e montar uma placa eletrônica para controlar e realizar o funcionamento de uma máquina. Já Leandro Ribeiro Moreira levou a prata por sua atuação no desafio de Gestão de Redes. Os alunos competidores tiveram uma hora para montar e configurar uma rede wireless com total segurança, e capturar em vídeo imagens do público que acompanhava o desafio.

Nos desafios por equipes, a prata ainda ficou com os alunos da área de Transporte e Logística. Cacio



Sergio Amaral/CVI

Formação

Eduardo dos Santos Fonseca, Gabriel Ferreira dos Santos, Gabriella dos Santos Leal e João Matheus Strehl tiveram que transformar o motor, a suspensão, o sistema de som e a aparência de seis Ford Ka novos, de motor 1.5 dCi e 110 cavalos.

A única representante feminina no desafio individual de Soldagem foi Jheniffer Silva, que ficou com o bronze. Ela e seus adversários tiveram que, com uma máquina de solda, montar e soldar um quadro de bicicleta em uma hora. Também trouxe o bronze o aluno Gabriel Ferreira dos Santos. Ele participou do desafio individual em Pintura Automotiva, em que os competidores tiveram que reparar riscos e defeitos de pintura na porta de um veículo com ferramentas manuais para polimento e tintas para pequenos reparos.

Inova Senai

O Paraná, que concorreu com três projetos no Inova Senai, ficou com o bronze para o Bio Fitch, um filtro biológico para tratamento de chorume. Criado com o objetivo de desenvolver a capacidade empreendedora e a inovação, o Inova promove projetos elaborados por alunos, professores, consultores e técnicos do Senai.

Durante a Olimpíada do Conhecimento 2016, foram submetidos 310 projetos inovadores e os 30 finalistas ficaram expostos ao público. Desde 2012, o Centro Internacional de Inovação do Senai Paraná realiza junto ao Departamento Nacional do Senai a organização do prêmio, capacitação em modelagem



Gustavo Cavalcante Borges: ouro no desafio de Soluções em Software.

de negócios inovadores, mentoria e preparação das equipes para apresentação aos investidores.

Grand Prix Nacional

Recebeu ainda o troféu de terceiro lugar a equipe paranaense que participou do Grand Prix. Durante 72 horas ininterruptas os alunos do Senai de vários estados precisaram apontar soluções para problemas apresentados pelas empresas Bosch, Renault, Lakes Fish e O Boticário.

A Olimpíada do Conhecimento é um dos mecanismos de aprimoramento da prática pedagógica do Senai, atuando como vitrine da qualidade da Educação Profissional. Os cursos técnicos oferecidos pela instituição são boas oportunidades de carreira na indústria. Para 2017, o Senai oferece 27 cursos em 37 unidades de todo o Estado, presentes em 32 municípios paranaenses. Em todo o Paraná, são 6.441 vagas ofertadas. ■

OLIMPÍADA DO CONHECIMENTO
SENAI SESI

Confira a lista de vencedores de cada ocupação da Olimpíada do Conhecimento 2016:

www.goo.gl/fOzytk

O DESAFIO DE PROFISSIONALIZAR A GESTÃO

De empresas familiares a cooperativas, companhias investem na governança para modernizar negócio e prosperar

A centenária Indústria de Bebidas Cini, de origem familiar como a grande maioria das empresas paranaenses e brasileiras, tem se preocupado nas últimas duas décadas com a profissionalização da gestão. Fundada em 1890 pelo italiano Ezígio Cini, imigrante da região do Veneto, a empresa era até os anos 90 administrada exclusivamente pelos próprios familiares, mas à medida em que as novas gerações foram chegando sentiu-se a necessidade de se buscar um olhar mais profissional para tocar o negócio.

“Quando cresce o número de herdeiros fica mais difícil manter a administração exclusivamente familiar”, observa Nilo Cini Junior, bisneto do fundador e membro do Conselho de Administração da indústria. Segundo ele, além do crescimento da família, nos anos 90 fatores externos

começaram a impactar a indústria, como novos hábitos de consumo, fusão de grandes empresas e mudanças na estrutura tributária, o que elevou muito os custos para pequenas e médias empresas. “Foi nesta época que fizemos nosso primeiro acordo de acionistas e decidimos investir num parque fabril, vender ativos e transferir a fábrica de Curitiba para a região metropolitana”, conta.

Na primeira experiência de profissionalização foi criado um conselho de acionistas, mas alguns integrantes da família ainda permaneceram em cargos de direção. Em 2015, a mudança foi mais radical, quando os familiares deixaram totalmente a operação nas mãos de executivos. Neste ano foi contratado um CEO e os integrantes da família passaram a atuar somente no comitê gestor, saindo do dia a dia da empresa.

Administração

Hoje, a quarta geração da família Cini integra o comitê de gestão: Nilo, a irmã e dois primos. Além disso, o colegiado tem um representante externo, de fora da família, para dar um equilíbrio e para que o grupo fique com um número ímpar para a necessidade de desempates nas decisões. Cini Junior explica que ao comitê cabe dar as diretrizes e aprovar os planos orçamentário e estratégico da empresa. E ao CEO cabe dar resultado.

Hora do pragmatismo

Sair do dia a dia da empresa não é fácil - ainda mais para alguém que, como Nilo, cresceu no chão de fábrica. Ele conta que passou boa parte da infância em meio às garrafas de refrigerantes e às voltas com o pai e o tio. Logo que



SÓ É POSSÍVEL DAR CARTA BRANCA AO CEO SE VOCÊ TEM O CONTROLE TOTAL DA EMPRESA.

Nilo Cini Junior

Membro do Conselho de Administração da Indústria de Bebidas Cini

se formou em Engenharia Química, passou a trabalhar na indústria, atuando na operação e gestão. Fazia compras, controle de custos, atuava na área de desenvolvimento, atendia prestadores de serviço, além de coordenar a área industrial, operando na produção e manutenção. Mais tarde, tornou-se diretor industrial.

“Sair para dar lugar a profissionais do mercado mexe com a gente, mas nessa hora é preciso saber abrir

mão de algumas rotinas, administrar sentimentos e o próprio ego”, comenta.

Mas, na avaliação do empresário, essa transição é inevitável e deve ser executada o mais rápido possível. “A partir da terceira geração, a família cresce mais que a empresa e a situação começa a ficar crítica”, alerta. Cini Junior lembra também que profissionalizar a gestão não é apenas contratar um CEO. “É preciso planejar sempre, discutir muito e estabelecer regras claras. Regras que sejam cumpridas”, reforça, citando que o processo de governança demanda uma controladoria muito boa, e que é fundamental um sistema de auditorias permanentes. “Só é possível dar carta branca para um CEO se você tem o controle total da empresa”, adverte.

Conflitos inevitáveis

Uma questão presente em praticamente todos os processos de profissionalização da gestão é o conflito. “Ainda mais numa família italiana”, brinca Cini Junior. Segundo ele, uma boa governança, que estabeleça as regras e um acordo de acionistas, permite administrar e minimizar eventuais divergências. E o principal resultado é que as relações familiares são preservadas. “Agora estamos com a quinta geração da família



Geison Bampi

Nilo Cini Junior: executivos tocam a empresa enquanto a família planeja o futuro.

CINI: TRADIÇÃO CURITIBANA EXPANDE HORIZONTES

Com fábrica instalada em São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), a Cini é uma empresa de médio porte, com 230 colaboradores e faturamento de R\$ 70 milhões por ano. Produz 40 milhões de litros por ano entre refrigerantes, água, sucos, chás e energéticos. Tem uma participação de 12% no mercado da RMC e de 7% no interior do Paraná. Atua também no norte de Santa Catarina e Sul de São Paulo.

chegando aí, que são os nossos filhos, e eles já sabem que existem regras a serem seguidas”, afirma.

Os benefícios do processo de profissionalização da gestão e da governança podem ser comprovados ao se analisar a evolução dos números da empresa. “Os indicadores de produtividade melhoraram, o balanço está em dia, o nível de absenteísmo foi reduzido, bem como o turnover. A empresa se manteve competitiva no mercado e agora segue com perspectivas de crescimento”, comemora.

Boas práticas

A trajetória da Cini pode ser considerada um exemplo de boas práticas em gestão. Um caso de sucesso de governança corporativa. “É fundamental criar regras claras, escrever sobre a relação de sócios, o papel dos familiares e como estes participarão do negócio”, destaca Nelson Oliveira, coordenador do capítulo Paraná do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC).

Oliveira lembra que 70% das empresas no mundo todo, independente do porte, são familiares. “Há grandes exemplos de empresas familiares que cresceram usando



Divulgação/IBGC

Oliveira, do IBGC: Paraná tem fartos exemplos de empresas que faliram sem governança.



A GESTÃO DO DIA A DIA MATA A VISÃO ESTRATÉGICA DOS PROPRIETÁRIOS OU DOS GESTORES DA EMPRESA.

Nelson Oliveira
Coordenador do IBGC

as boas práticas da governança corporativa e não conseguiriam chegar onde chegaram hoje sem uma profissionalização da gestão”, afirma.

O executivo explica que governança corporativa nada mais é do que ter bom senso aliado a uma gestão necessária para que o negócio tenha sustentação para crescer. “O problema é que a gestão do dia a dia mata a visão estratégica dos proprietários ou dos gestores da empresa”, diz Oliveira.

Cuidado começa no “berço”

O coordenador do IBGC afirma ainda que a preocupação com a governança deve começar quando a empresa é registrada na Junta Comercial, ou seja, junto com o nascimento dela.

“A governança é um processo baseado em disciplina, bom senso, transparência e boa gestão de todos os recursos da empresa. Recursos econômicos, financeiros, de sustentação, de meio ambiente e das relações com a comunidade. Se tudo isso começa junto com a empresa, o resultado é muito positivo”, diz Oliveira, ressaltando os quatro pilares da governança corporativa: transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade corporativa.

Sem gestão, gigantes ruíram

O executivo lembra que o Paraná foi berço de grandes grupos que pareciam sólidos e sucumbiram por falta de governança. “Praticamente todas as empresas enfrentam dificuldades, sofrem com as crises e mudanças de mercado. Mas algumas olham muito para o retrovisor e esquecem de olhar para

Administração

frente”, afirma, citando como um dos problemas recorrentes a falta de conhecimento do fluxo de caixa. “Muitas vezes o resultado é positivo, mas o endividamento está aumentando”, relata.

Em resumo, afirma Oliveira, muitas empresas têm dificuldade em formar uma visão estratégica de curto, médio e longo prazo. “É preciso analisar os negócios da empresa como um todo, verificar os que estão dando resultado, os que devem ser mantidos e aqueles que talvez tenham que ser descontinuados. Ou seja, é preciso uma visão crítica e contínua do negócio. Muitas



UMA DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS COOPERATIVAS É ESTAR ANCORADA NA FIGURA DE UM LÍDER.

Luiz Lourenço

Presidente do Conselho de Administração da Cocamar

vezes falta um bom sistema de controle de riscos. As empresas que sucumbem são as que param no tempo”, conclui.

Cocamar é primeira cooperativa a investir em governança

Se para uma empresa familiar a

governança corporativa é fundamental, a mesma regra vale para as cooperativas, que guardam certa similaridade com as famílias. Normalmente há um grande líder, que faria o papel do patriarca, e muitos cooperados. Uma das principais instituições do gênero no Paraná e no Brasil, a Cocamar, de Maringá, percebeu a necessidade de investir num modelo de gestão profissional e a experiência trouxe resultados importantes.

“Uma das principais características das cooperativas é estar ancorada na figura de um líder”, destaca Luiz Lourenço, que foi presidente de 1990 a 2014 e hoje comanda o Conselho de Administração da cooperativa. No caso do grupo maringaense, o grande líder é o próprio Luiz, cuja história de vida se confunde com a da empresa. Ele dedicou 42 de seus 74 anos de vida ao cooperativismo, especificamente na Cocamar. Começou como funcionário e foi crescendo até chegar à presidência.

E foi Lourenço o grande condutor do processo de profissionalização na gestão da cooperativa. “Todas as cooperativas têm esta configuração e buscamos implantar aqui o que vale para as cooperativas de crédito”,

PLANEJAR SUCESSÃO AJUDA A PRESERVAR PATRIMÔNIO

O processo de sucessão é uma das questões que mais preocupam as empresas familiares. Dentro dos preceitos da governança corporativa, o planejamento sucessório é indicado como forma de preservar o patrimônio da família e dar continuidade aos negócios. “A sucessão deve ser estruturada tão logo os filhos se tornem adultos”, recomenda a advogada Izabela Rücker Curi Bertoncello, especialista no tema. Segundo ela, o planejamento sucessório feito em vida é uma forma de economizar em tributos e em honorários advocatícios.

A advogada explica que a Constituição Federal prevê a possibilidade de não pagamento de impostos quando existe a transmissão mediante a incorporação ao patrimônio da pessoa jurídica como realização de capital. A referência neste caso é o valor do imóvel que está na última declaração de imposto de renda. Neste caso, o imóvel entra na formação da empresa.

Este processo protege a empresa de riscos trabalhistas e tributários e diminui o risco de ela ter seus bens penhorados. Além disso, evita que a empresa fique paralisada, em caso de falecimento do dono, por conta do processo de inventário.

De acordo com a advogada, um dos erros mais comuns que se observa é não prever o usufruto para o fundador. “No processo de sucessão, o fundador tem que sair da sociedade e disponibiliza o seu patrimônio, mas deve ser resguardado a ele o usufruto enquanto estiver vivo”, observa.

conta, lembrando que há cerca de três anos o Banco Central determinou como regra para as cooperativas de crédito que elas tivessem um conselho de administração. “À medida em que a cooperativa cresce, expande os negócios, passa a atuar no mercado internacional, a concorrer com grandes marcas e a atuar na Bolsa de Chicago, como aconteceu conosco, é preciso expandir”, diz, citando que uma das intenções é perpetuar o negócio sem que haja dependência de uma única liderança.

Modelo profissional

Com esta meta, há três anos a Cocamar reformou a sua administração, contratando um presidente e dois vice-presidentes, que agora compõem a nova diretoria executiva. São profissionais de mercado, preparados e com visão do negócio. Nesta configuração, Lourenço passou a presidir o Conselho



de Administração. O modelo de governança da cooperativa inclui ainda um conselho fiscal e um conselho consultivo, formado por cooperados. Ao Conselho de Administração cabe estabelecer o planejamento estratégico, enquanto a diretoria contratada trabalha para atingir os objetivos determinados.

A reformulação no modelo de gestão demandou muito investimento em treinamento. “Tivemos um apoio

muito grande da Ocepar [Organização das Cooperativas do Paraná] neste trabalho”, conta Lourenço.

O líder da Cocamar se diz satisfeito com o resultado e, apesar de algumas dificuldades, conta que não houve resistência por parte da diretoria e dos cooperados. “O único pedido foi para que eu não me afastasse de vez. Não fiz isso, mas me preparo para sair de forma gradual e tranquila, sabendo que tudo irá continuar”, afirma.

Metas ousadas

A Cocamar tem metas ousadas de crescimento. O planejamento estratégico do período 2015-2020 prevê que a cooperativa praticamente dobre o seu faturamento, passando de R\$ 3,3 bilhões para R\$ 6 bilhões. Fundada em 1963, a Cocamar possui 13,6 mil produtores associados e 66 unidades operacionais no Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Tem 2,4 mil colaboradores e 11 plantas industriais que operam com o recebimento de soja, milho, trigo, café e laranja. ■



Divulgação/Cocamar

Luiz Lourenço: transição gradual para despersonalizar a gestão da cooperativa.

A CRIATIVIDADE COMO PRÉ-REQUISITO

Processo de seleção em indústrias busca cada vez mais jovens profissionais com espírito inovador

Vivian Machado (dir.), da planta da Bosch no Paraná, recebe o Prêmio Inova Talentos 2016: forma de reconhecimento às ideias criativas na indústria.

O que é um profissional de talento para a indústria? A princípio a pergunta indica uma resposta ampla, com uma série de adjetivos inerentes a qualquer profissional. Mas para industriais e gestores de Recursos Humanos há uma palavra específica que deve fazer parte do vocabulário do candidato: inovação. Atualmente, para se trabalhar na indústria, inovar é pré-requisito para ter garantia de sucesso profissional.

Um exemplo da necessidade deste perfil está no programa de estágios Volvo Student Experience. Além de passar por uma série de entrevistas e testes, o candidato também precisa trazer na bagagem um pendor à criatividade. “Procuramos um perfil alinhado com valores

da organização, com a nossa cultura, pois são fatores fundamentais para a seleção. Levamos em conta não só a formação acadêmica, mas também um perfil de querer gerar resultado, criar, inovar”, explica Ricardo Nanami, gerente de Recursos Humanos.

A importância da inovação no meio industrial tem ganhado cada vez mais espaço. Prova disso é que, em pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) com 100 executivos, 89% dos entrevistados disseram que os profissionais recém-chegados ao mercado de trabalho não estão suficientemente capacitados. Um dos motivos é o fato de o processo de seleção exigir perfil específico que vise inovação, principalmente em grandes companhias.

A solução encontrada pela Neodent, líder do mercado de implantes dentários na América Latina, foi iniciar uma mudança cultural em busca de uma equipe de alta performance depois de ser adquirida totalmente em 2015 pela suíça Straumann. “Para isso, nós investimos muito em treinamento e desenvolvimento de nossa liderança e incentivamos jovens a tomar grandes responsabilidades e os promovemos para cargos desafiadores”, revela o CEO Matthias Schupp.

“Hoje, o jovem precisa de apoio para poder entrar no mercado de trabalho e aqueles que possuem olhar inovador conseguem grandes resultados profissionais. Eles estão em projetos de ponta para as empresas, sendo os principais executores”, reforça o superintendente nacional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), Paulo Mól.

Inova Talentos

Uma forma de reconhecer os jovens profissionais da indústria é o Prêmio Inova Talentos, realizado pelo IEL com o apoio da CNI, em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e



HOJE, O JOVEM PRECISA DE APOIO PARA PODER ENTRAR NO MERCADO DE TRABALHO E AQUELES QUE POSSUEM OLHAR INOVADOR CONSEGUEM GRANDES RESULTADOS PROFISSIONAIS.

Paulo Mól

Superintendente nacional do IEL

Comunicações. Desde 2013 o projeto foca em inovação e reconhece projetos em nível nacional. “São quase 600 bolsistas, sendo que metade foi contratada em meio à recente crise econômica”, ressalta Mól.

Vivian Machado, da Robert Bosch, planta do Paraná, é uma das beneficiadas pelo programa. Vencedora do Prêmio Inova Talentos 2016, ela faz parte do grupo de bolsistas incorporados pela empresa. “O prêmio veio como consequência de um bom trabalho desenvolvido em equipe que agregou muitas oportunidades à minha carreira. São esses obstáculos que servem de apoio para aprendermos a superar nossos limites”, conta.

Vivian foi recrutada na primeira chamada do programa Inova Talentos e se destacou pela

naturalidade de trazer ideias criativas e pertinentes para os desafios.

“Buscamos capacidade de inovação, entusiasmo e muita energia, além de competências específicas”, diz Paula Pessoa, gerente de Recursos Humanos da Bosch América Latina.

Gás natural em substituição ao diesel

O projeto vencedor do Inova Talentos 2016 trata de um sistema que viabiliza a utilização de gás natural, substituindo parte do diesel em motores de veículos comerciais como caminhões e ônibus. Entre as quatro linhas de pesquisa para o prêmio, Vivian estudou fenômenos que poderiam levar à redução da vida útil do motor dando ênfase ao fenômeno de detonação (Knock), causador da queima descontrolada do combustível e elevados picos de pressão no interior da câmara de combustão. A partir do estudo, estratégias foram traçadas para minimizar este fenômeno. Já na fase final as novas funções desenvolvidas para detecção e controle da detonação tiveram a eficiência comprovada.



VITRINE DA MODA

Em sua segunda edição, ID Fashion reúne marcas autorais do Paraná

Dezesseis marcas autorais de cinco cidades paranaenses participaram da segunda edição do ID Fashion, realizada em 24 de novembro no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

O evento, idealizado pela Fiep e pelo Sebrae-PR, se propõe a ser uma vitrine para as marcas do Estado com identidade própria. Uma curadoria composta por especialistas da área e formadores de opinião selecionou as marcas, que preencheram perfis bem diversificados: moda feminina, masculina, unissex, infantil, adolescente, gestante, plus size, comfortwear, lingerie e evangélica.

Esta edição, que teve o tema “Movimento”, buscou inspiração na leveza, na liberdade e na instabilidade que gera mudanças e impulsiona a criação. “O ID Fashion é o momento em que apresentamos nossa leitura para os movimentos e as tendências mundiais, além de ser uma oportunidade rara de estabelecermos contato com o consumidor final e especialistas”, ressalta Luciana Bechara, coordenadora do Conselho Setorial da Indústria do Vestuário da Fiep.

Um dos pontos altos do ID Fashion 2016 foi o Catwalk, que durante 20 minutos apresentou o melhor da moda paranaense e encantou o público e imprensa. Ao todo foram 48 looks seasonless (ou seja, para qualquer estação) das marcas participantes. Vale



VAMOS VIABILIZAR O ORÇAMENTO. É NOSSO PAPEL IMPULSIONAR ESSE SETOR QUE GERA EMPREGOS E RIQUEZA.

Edson Campagnolo
Presidente da Fiep

ressaltar também o caráter democrático do ID Fashion: foi o primeiro evento de moda no País aberto ao público e com entrada gratuita.

O presidente da Fiep, Edson Campagnolo, destacou a importância de dar visibilidade à produção paranaense e já antecipou a realização da edição 2017. “Vamos viabilizar o orçamento. É nosso papel impulsionar esse setor que gera empregos e riqueza”, disse.

Desafio Passarela Senai

O evento também abrigou o Desafio Passarela Senai, em que alunos de moda foram desafiados a produzir figurinos para o grupo de dança Pyramid. A vencedora foi Caroline Novak, aluna do 6.º período, que criou o look da bailarina Cyssa. Caroline era uma das duas finalistas que acabaram de participar de um concurso nacional, o Senai Brasil Fashion – a outra foi Maria Fernanda D’Anzicourt.

Caroline ganhou um ateliê completo, composto por duas máquinas de costura industriais, uma mesa de corte, um manequim de modelagem e a matéria-prima para iniciar seu negócio. Todo o material está avaliado em cerca de R\$ 9 mil. “Vai ser muito bom para me aperfeiçoar na costura e modelagem e aprender mais”, disse a estudante, que, mesmo tendo ganhado o ateliê, pretende se aperfeiçoar um pouco mais antes de se aventurar a ter uma marca própria: “Preciso praticar bastante, adquirir experiência, trabalhar com outras marcas antes de investir nisso”, avaliou. ■



PIONEIRISMO VERDE

A Construtora e Incorporadora Laguna, referência no ramo imobiliário de alto padrão em Curitiba, acaba de celebrar duas décadas de atividade. Fundada em 1996 na capital paranaense, a Laguna é pioneira na implantação de certificação ambiental em seus empreendimentos. Um exemplo disso é a conquista do LEED (Leadership in Energy and Environmental Design), o selo verde com maior reconhecimento internacional, no Condomínio Logístico São Carlos, em São Paulo. “A filosofia da Laguna é unir inovação, sustentabilidade, conforto e beleza em todos os seus empreendimentos”, diz o diretor geral da empresa, Gabriel Raad.

A construtora é responsável pelo primeiro residencial do Brasil a ter a pré-certificação LEED Gold, o Llum Batel. “A certificação avalia consumo de água, energia, os materiais utilizados, o destino destes materiais,



A FILOSOFIA DA LAGUNA É UNIR INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE, CONFORTO E BELEZA EM TODOS OS SEUS EMPREENDIMENTOS.

Gabriel Raad

Diretor Geral da Construtora e Incorporadora Laguna

entre outros itens. O Llum, por exemplo, consome 25% menos energia, 20% menos água, prioriza a luz natural e materiais com baixa emissão de compostos orgânicos voláteis”, explica Raad.

A preocupação com a sustentabilidade é uma marca constante da empresa, que busca sempre empreendimentos ecoeficientes. A construtora utiliza um sistema de vedação único, que além de bloquear fumaça e odores, melhora as condições de conforto interno por meio da menor oscilação de temperatura. A Laguna também mantém o foco no estudo e no uso da tecnologia para aperfeiçoar o trabalho e gerar economia de resíduos em canteiros de obras. Com isso, consegue diminuir a quantidade de transporte de equipamentos, reduzindo riscos de acidentes e agilizando o cumprimento do cronograma de entrega.

Tudo isso gera grandes resultados: em 2016, a Laguna encerrou o ano com 100% da meta de vendas alcançada. E também levou à expansão do Grupo Laguna, que lançou em dezembro uma nova empresa no mercado, a Teich Construtora, especializada em construir de forma terceirizada, para incorporadoras e investidores, imóveis residenciais e comerciais na capital paranaense. ■



O diretor Gabriel Raad: pioneirismo na certificação ambiental dos empreendimentos.



Pontagrossense é condecorado pela CNI

O empresário paranaense Ferdinando Scheffer Júnior recebeu no final de novembro a Medalha da Ordem do Mérito Industrial, concedida pela CNI a pessoas e instituições que contribuem para o desenvolvimento do País e da indústria brasileira. Fundador do Grupo Águia Participações, sediado em Ponta Grossa e com negócios nas áreas de metalurgia, química, silvicultura, construção civil, comércio e madeira, Scheffer foi um dos sete industriais que tiveram seus trabalhos reconhecidos este ano. Em 2014, o empresário já havia sido homenageado com a Medalha do Mérito Industrial concedida pela Fiep.



Ferdinando Scheffer Júnior recebe a Ordem do Mérito Industrial da CNI.

Londrina: polo de tecnologia e inovação

Fabrizio Bianchi, consultor do Sebrae em Londrina, comemorou o sucesso do ECO.TIC 2016 Health Tech, evento que reuniu na cidade empresários, estudantes, profissionais de TI e representantes de entidades ligadas à inovação e tecnologia na área da saúde. A quarta edição aconteceu de 22 a 24 de novembro e incluiu palestras, painéis, apresentações de pitches de startups, trilhas especializadas e Meetup. Bianchi observa que o ECO.TIC põe em evidência a qualificação da mão de obra da região, que é sede de várias empresas de tecnologia e inovação e abriga nove centros de formação, entre eles o Instituto Senai de Tecnologia (IST), único do Brasil com foco em Tecnologia da Informação.

Cerveja de pinhão

A paisagem de araucárias inspirou Pedro Reis, dono da cervejaria Insana, de Palmas, Sul do Estado, a criar uma cerveja que leva pinhão na receita. Com a inovação, o empresário fortaleceu uma iniciativa de valorização do pinhão orgânico produzido em áreas de preservação da mata de araucárias. A cerveja de pinhão, sazonal, foi um sucesso. O primeiro lote, lançado em 2015, teve 15 mil unidades vendidas, resultado que levou a Insana a triplicar a produção neste ano. “A cerveja de pinhão surgiu como um projeto ambiental, mas acabou se tornando um produto rentável”, disse Reis à Folha de S. Paulo.

Incentivo ao jornalismo

A terceira edição do Prêmio Sistema Fiep de Jornalismo recebeu 71 inscrições de materiais jornalísticos relacionados à indústria do Paraná, que concorreram nas categorias Jornalismo Impresso, Reportagem de TV, Reportagem de Rádio, Fotojornalismo e Internet. Os jornalistas Felipe Harmata e Lorena Pelanda, da BandNews Curitiba, venceram o Prêmio Especial Heitor Stockler de França, com a matéria “Bússola da Inovação: competitividade nas indústrias paranaenses”.



Sistema Fiep premiou 15 trabalhos da mídia paranaense sobre a indústria.



Sindimetal Sudoeste leva industriais a SC

O Sindicato das Indústrias Metalmeccânicas do Sudoeste (Sindimetal Sudoeste), em parceria com a Associação Empresarial de Dois Vizinhos e o Sebrae Paraná, levou industriais do setor para uma visita técnica ao parque industrial de Joinville e Jaraguá do Sul, em outubro último. O objetivo foi a troca de experiências e a prospecção de futuras parcerias. Participaram industriais de Dois Vizinhos, Laranjeiras do Sul, Barracão, Palmas, Marmeleiro, Francisco Beltrão e Pato Branco (Sul e Sudoeste do Paraná) e Bernardo de Irigoyen (Argentina).



Grupo reuniu 36 pessoas entre industriais e membros de entidades representantes do setor.

Sineltepar tem nova diretoria

O Sindicato das Empresas de Eletricidade, Gás, Água, Obras e Serviços do Paraná (Sineltepar) elegeu, em outubro, sua nova diretoria para o triênio 2017-2019. Também foram indicados os nomes para o conselho fiscal e delegados representantes junto à Fiep, que deu apoio à votação realizada por meio eletrônico. A chapa vencedora, liderada por Miguel Mores, tomou posse em novembro.

Sindccon elege diretoria para biênio

O Sindicato das Indústrias de Pré-Moldados e Artefatos de Cimento do Norte do Paraná (Sindccon) elegeu sua nova diretoria para o biênio 2017/2018. O pleito ocorreu com chapa única. Foram eleitos Carmen Lúcia Izquierdo Martins

(presidente), Sebastião Ferreira Martins (vice-presidente), José Carlos Dubas (secretário), Vânia Dulce de Paiva (2ª secretária), José Cláudio Batista (tesoureiro) e Frank Sampaio (segundo tesoureiro). A posse aconteceu em dezembro.

Sindicatos no programa Gestão Sustentável

O Sindicato da Indústria da Madeira e Marcenarias de Francisco Beltrão (Sindimadmov), o Sindicato da Indústria de Software do Paraná (Sinfor), o Sindicato das Indústrias Gráficas do Paraná (Sigep) e o Sindicato das Indústrias de Papel e Celulose do Paraná (Sinpacel) estão participando do programa Gestão Sustentável para a Competitividade, promovido pela Fiep, com foco em micro e pequenas indústrias. O objetivo é desenvolver projetos setoriais por meio da aplicação do Modelo Sesi de Sustentabilidade para a Competitividade e a Análise de Valor, estimulando a adoção de práticas voltadas à saúde, segurança e qualidade de vida.

Orientação contra problemas trabalhistas

O Sindicato das Indústrias do Vestuário de Cianorte (Sinveste) ofereceu em dezembro aos associados, em parceria com a Fiep, o curso “Como evitar problemas trabalhistas”, que faz parte do Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA) e teve como palestrante o advogado trabalhista e gestor de Recursos Humanos André Luiz Dias de Araújo, especialista em Direito do Trabalho. O objetivo foi alertar os industriais e gestores das áreas de recursos humanos e contabilidade sobre as normas e procedimentos a serem observados desde a admissão de empregados até a rescisão de contratos de trabalho, além da administração de conflitos por meio das Comissões de Conciliação Prévia e da Justiça do Trabalho.

Conheça todos os sindicatos que compõem a Fiep. Acesse: www.fiepr.org.br/sindicatos/



74 ANOS SENAI

TRANSFORMAR A INDÚSTRIA E A VIDA DAS PESSOAS:

**ESSE É O COMPROMISSO DO SENAI
HÁ 74 ANOS.**

Desde 1943, o Senai no Paraná oferece soluções para aumentar a competitividade das indústrias, sendo referência em educação profissional, inovação e transferência de tecnologia.

**Integrar as ações do Senai, Sesi, IEL e Fiep:
isso é o que move o Sistema Fiep. Há mais de sete
décadas, unimos forças em prol do desenvolvimento
das indústrias paranaenses.**

INDÚSTRIAS MAIS COMPETITIVAS, FORTES E PRODUTIVAS

AQUI TEM
SEU APOIO



Para sua indústria crescer preparada para os desafios do mercado, é necessário buscar por parcerias que tragam resultados concretos. É por isso que fazer a Contribuição Sindical significa investir em uma série de benefícios que aumentam a competitividade, fortalecem o mercado e ainda dão suporte à expansão dos seus negócios.

**CONTRIBUIÇÃO SINDICAL,
UMA PARCERIA QUE CONSTRÓI RESULTADOS.**

Faça sua contribuição até 31 de janeiro:
contribuicaosindical.org.br

FIEP
SESI
SENAI
IEL

FIEP